



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFOP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**



**JOÃO VITOR DE SOUZA IACOMINI
LUCAS THADEU VIEIRA DE PAULA**

**ATLÉTICO, CRUZEIRO E O NOVO MINEIRÃO: A MODERNIZAÇÃO DO
ESTÁDIO SOB A ÓTICA DOS TORCEDORES**

JOÃO VITOR DE SOUZA IACOMINI
LUCAS THADEU VIEIRA DE PAULA

**ATLÉTICO, CRUZEIRO E O NOVO MINEIRÃO: A MODERNIZAÇÃO DO
ESTÁDIO SOB A ÓTICA DOS TORCEDORES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Educação Física da Universidade Federal
de Ouro Preto, como requisito parcial
para obtenção do grau de licenciado em
Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Priscila Augusta
Ferreira Campos.

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

P324a Paula, Lucas Thadeu Vieira de.
Atlético, Cruzeiro e o Novo Mineirão [manuscrito]: a modernização do
estádio sob a ótica dos torcedores. / Lucas Thadeu Vieira de Paula. João
Vitor de Souza Iacomini. - 2025.
56 f.: il.: gráf..

Orientadora: Profa. Dra. Priscila Augusta Ferreira Campos.
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola
de Educação Física. Graduação em Educação Física .

1. Futebol. 2. Estádio. 3. Lazer. 4. Copas do mundo(Futebol). I.
Iacomini, João Vitor de Souza. II. Campos, Priscila Augusta Ferreira. III.
Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 796.332

Bibliotecário(a) Responsável: Angela Maria Raimundo - SIAPE: 1.644.803



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE EDUCACAO FISICA
DEPARTAMENTO DE EDUCACAO FISICA



FOLHA DE APROVAÇÃO

João Vitor de Souza Iacomini

Lucas Thadeu Vieira de Paula

Atlético, Cruzeiro e o Novo Mineirão: a modernização do estádio sob a ótica dos torcedores

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação Física

Aprovada em 13 de agosto de 2025

Membros da banca

Doutora - Priscila Augusta Ferreira Campos - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto

Doutor - Silvio Ricardo da Silva - Universidade Federal de Ouro Preto

Doutor - Bruno Ocelli Ungheri - Universidade Federal de Ouro Preto

Priscila Augusta Ferreira Campos, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 22/08/2025



Documento assinado eletronicamente por **Priscila Augusta Ferreira Campos, CHEFE DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**, em 22/08/2025, às 13:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0965042** e o código CRC **93FC833E**.

AGRADECIMENTOS

João Vitor

Agradeço, primeiramente, a Deus e a Nossa Senhora, pela força, saúde e sabedoria concedidas ao longo desta caminhada.

À minha mãe, Beth, por ser minha maior apoiadora, por acreditar em mim incondicionalmente e estar presente em cada passo dessa jornada, oferecendo amor, força e encorajamento nos momentos em que mais precisei. Ao meu pai, João, agradeço pelo apoio constante, pela paciência, por nunca deixar de acreditar no meu potencial, e agradeço por ter me feito atleticano, o Galo é o clube que carrego e que faz parte da minha história. Sem o suporte de vocês, esta conquista não seria possível.

À minha irmã Larissa, ao meu cunhado Thales e à minha querida sobrinha e afilhada Maria Sofia, pela presença constante, pelo carinho e por sempre estarem ao meu lado nos momentos mais importantes.

Aos meus avós, Maria Elizabeth e João José (*in memoriam*).

Ao Rivo, amigo e futuro colega de profissão, expresso minha profunda gratidão pelos ensinamentos e aprendizados que antecederam minha entrada na universidade, além da parceria durante os estágios que tive o privilégio de realizar ao seu lado.

Aos colegas e amigos que estiveram presentes ao longo da graduação, compartilhando desafios, conquistas e aprendizados, deixo meu sincero agradecimento. Em especial, menciono Daniel Malta, Lucas Lacerda e Lucas Thadeu, cuja companhia tornou a jornada mais leve, divertida e significativa.

Aos professores do curso, por sua dedicação, comprometimento e pela valiosa contribuição na minha formação acadêmica. Em especial, à professora Priscila, minha orientadora, agradeço pela orientação precisa, paciência e pelo apoio fundamental durante a elaboração deste trabalho.

Ao GEFuT (Grupo de Estudos Sobre Futebol e Torcida), agradeço pelos ensinamentos compartilhados e pela oportunidade de participar de projetos que contribuíram significativamente para minha formação acadêmica e profissional.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta conquista. Meu muito obrigado.

AGRADECIMENTOS

Lucas

Agradeço a Deus, por me conceder força e perseverança ao longo desta caminhada acadêmica.

Aos meus pais, Willer e Márcia, pelo amor incondicional, apoio constante e por sempre acreditarem no meu potencial. Ao meu irmão Bernardo, por ser fonte de inspiração e por estar presente em todos os momentos importantes da minha vida.

À minha namorada Manoela, pela paciência, companheirismo e por todo o incentivo diário. O teu apoio foi fundamental para que eu seguisse firme, mesmo diante dos desafios.

Aos meus amigos do 103, por cada momento compartilhado, pelas risadas sinceras e pela amizade que tornaram essa jornada muito mais leve e especial.

Ao meu companheiro de TCC, João Vitor, pela parceria exemplar, comprometimento e dedicação ao longo de todas as etapas deste trabalho. Trabalhar contigo foi essencial para a realização deste projeto.

À Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), pela oportunidade de formação e por proporcionar um ambiente de constante crescimento pessoal e profissional. Aos professores do curso, pela partilha de conhecimento, pelo incentivo ao longo deste período.

Em especial, agradeço à professora Priscila, minha orientadora, pelas orientações sempre precisas e pela confiança no nosso trabalho. A sua dedicação e sensibilidade foram fundamentais para a concretização deste projeto. Sou imensamente grato pela forma como guiou este processo, com firmeza, respeito e generosidade.

E, por fim, agradeço ao GEFuT (Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas), por ter sido um espaço de troca, aprendizado e crescimento coletivo.

RESUMO

Este estudo analisa as percepções dos torcedores de Atlético e Cruzeiro sobre a modernização do Estádio Mineirão após a reforma para a Copa do Mundo de 2014. A pesquisa utilizou dados coletados pelo Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), entre 2013 e 2014, com enfoque descritivo e abordagem qualitativa. Os resultados revelam uma aprovação majoritária da nova estrutura, especialmente nos aspectos de conforto, acessibilidade e segurança. Contudo, aspectos como a alimentação, comércio interno e externo, e mudanças no ambiente social do estádio foram objeto de críticas relevantes. A análise evidencia uma mudança significativa na experiência dos torcedores, marcada por processos de elitização e reorganização simbólica do espaço. Conclui-se que, embora a reforma tenha atendido a diversos padrões técnicos e funcionais, ela também transformou profundamente as práticas culturais e de sociabilidade associadas ao futebol no Mineirão.

Palavras-chave: Futebol, Estádio, Lazer, Copa do Mundo.

ABSTRACT

This study analyzes the perceptions of Atlético Mineiro and Cruzeiro supporters regarding the modernization of Mineirão Stadium after its renovation for the 2014 FIFA World Cup. The study uses data collected by the Study Group on Football and Supporters (GEFuT) between 2013 and 2014, employing a descriptive and qualitative approach. Findings reveal broad approval of the stadium's new structure, particularly regarding comfort, accessibility, and safety. However, aspects such as food services, internal and external commerce, and changes in the stadium's social environment received considerable criticism. The analysis shows a significant transformation in the fans' experience, shaped by processes of gentrification and symbolic reconfiguration of the stadium space. It is concluded that, although the renovation met various technical and operational standards, it also deeply altered the cultural and social practices historically linked to the Mineirão.

Keywords: Soccer, Stadium, Leisure, World Cup.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Faixa etária dos torcedores.....	22
Figura 2: Distribuição por sexo dos torcedores do Atlético.....	24
Figura 3: Distribuição por sexo dos torcedores do Cruzeiro.....	24
Figura 4: Distribuição por escolarização.....	25
Figura 5: Distribuição por renda mensal (2013/2014) dos torcedores.....	27
Figura 6: Distribuição por região do Estado dos torcedores.....	28
Figura 7: Distribuição por região de BH.....	29
Figura 8: Frequência no Mineirão antes da reforma.....	30
Figura 9: Frequência no Mineirão após a reforma.....	31
Figura 10: Frequência em jogos no interior de Minas Gerais.....	33
Figura 11: Frequência no estádio Independência.....	34
Figura 12: Percepção sobre o conforto após a reforma.....	36
Figura 13: Percepção sobre o banheiro após a reforma.....	37
Figura 14: Percepção sobre o estacionamento após a reforma.....	38
Figura 15: Avaliação da acessibilidade no estádio.....	39
Figura 16: Avaliação do tropeiro após a reforma.....	40
Figura 17: Avaliação dos demais alimentos e bebidas.....	42
Figura 18: Avaliação do comércio interno no estádio.....	43
Figura 19: Avaliação do comércio externo no estádio.....	44
Figura 20: Avaliação sobre a segurança no estádio.....	46
Figura 21: Atuação da Polícia Militar no estádio.....	47
Figura 22: Aprovação da reforma do estádio.....	48
Figura 23: Retorno positivo dos investimentos feitos na reforma do estádio.....	50
Figura 24: Mudanças no comportamento dos torcedores.....	51

SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
1.1 Objetivo.....	19
1.2 Objetivo específico.....	19
1.3 Justificativa.....	19
1.4 Metodologia.....	20
2. Apresentação e análise dos dados.....	22
2.1 Perfil dos torcedores participantes.....	22
2.2 Percepção dos torcedores sobre o Novo Mineirão.....	36
2.3 O Mineirão e a mudança no torcer.....	47
3 Considerações finais.....	52
Referências.....	54

1. INTRODUÇÃO

O futebol chegou em Belo Horizonte no início do século XX, trazido por estudantes e membros da elite que haviam estudado em centros como o Rio de Janeiro e São Paulo (Espaço do Conhecimento UFMG, 2024). Naquele momento, o estado passava por intensas transformações sociais e urbanas, especialmente em sua nova capital, Belo Horizonte, planejada e inaugurada em 1897. Esse ambiente urbano em expansão proporcionou condições favoráveis para a introdução e a popularização do futebol, inicialmente visto como um esporte elitizado, praticado por jovens das classes mais altas.

Há certo consenso entre os estudiosos que se dedicam ao estudo da história do futebol na capital mineira de que seus primeiros movimentos se iniciaram em 1904, sete anos após a inauguração da própria cidade, em 1897. A versão mais difundida é a de que teria sido um jovem estudante carioca, de nome Victor Serpa, o responsável pela introdução do jogo ao estilo inglês, logo após retornar de uma temporada de estudos na Suíça e se instalar em Belo Horizonte para cursar Direito. (SOUTTO MAYOR, 2017).

O primeiro clube de futebol fundado em Belo Horizonte foi o Sport Club Foot-Ball, em 1904, embora sua existência tenha sido breve. Ainda assim, ele representa um marco simbólico da chegada do futebol no estado, menciona (SOUTTO MAYOR, 2017).

Os primeiros clubes de futebol fundados na cidade foram concebidos sob os preceitos do amadorismo inglês. Após a fundação do primeiro deles, o Sport Club Foot-Ball.

A consolidação do esporte se intensificou nos anos seguintes com a criação de clubes que se tornaram protagonistas do futebol mineiro. Em 25 de março de 1908, foi fundado o Clube Atlético Mineiro. Em 1912, no dia 30 de abril foi fundado o América Futebol Clube, popularmente conhecido como “América Mineiro”. Já em 2 de janeiro de 1921, surgiu a Societá Sportiva Palestra Itália, fundada por membros da colônia italiana de Belo Horizonte. Em 1942, no contexto da Segunda Guerra Mundial e das pressões nacionalistas do governo Getúlio Vargas, a agremiação foi obrigada a abandonar sua identidade italiana e adotou o nome Cruzeiro Esporte Clube, bem como novas cores: o azul e o branco, em referência à constelação do Cruzeiro do Sul e ao pavilhão nacional.

Em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, embora o Brasil mantivesse sua neutralidade, após o ataque de um navio brasileiro pela Alemanha

nazista, o país passou a apoiar os Aliados. O presidente Getúlio Vargas então promulgou o Decreto Nº 10.358 em 31 de agosto de 1942, declarando estado de guerra no Brasil. Com o objetivo de condenar as agressões dos países do Eixo (Alemanha, Japão e Itália), o decreto proibiu qualquer referência a essas nações. Como resultado, a Società Sportiva Palestra Itália mudou seu nome para Cruzeiro Esporte Clube, em homenagem à constelação do Cruzeiro do Sul. Essa medida afetou não apenas o Cruzeiro, mas também times como o Palmeiras (anteriormente conhecido como Palestra Itália) e o Esporte Clube Pinheiros (antes chamado de Esporte Clube Germânia). (Espaço do Conhecimento UFMG, 2024).

A primeira construção parecida com um estádio de futebol, foi o Prado Mineiro. Inicialmente o Prado foi utilizado para as corridas de cavalos e o Turfe, um esporte que por um certo período de tempo competiu com o Futebol. Porém, em 1910 o futebol começou a crescer de forma exponencial, obrigando o velho Prado Mineiro a ter uma nova modalidade esportiva dominante.

O Prado Mineiro se tornaria a primeira construção erguida na geografia belo horizontina com a configuração de “estádio”. Primeiramente construído para abrigar as elegantes e concorridas corridas de cavalos, em incentivo a uma prática esportiva (turfe) que viria a disputar espaço com o próprio futebol, o Prado sucumbiria à força de penetração e ao crescente apelo popular que o esporte bretão ganharia em início dos anos 1910 na cidade. (SOUZA NETO, 2017, p.29)

O “Stadium do América”, inaugurado em 6 de maio de 1923, foi construído para comportar a crescente que o clube americano vivia na época.

O ambicioso projeto de soerguimento de um estádio de futebol pelo América refletia a realidade vivenciada pelo esporte na Capital. Anunciado em 1921, com o início das obras em abril de 1922, o stadium do América é inaugurado em 06 de maio de 1923, com grande destaque na imprensa belo-horizontina. (SOUZA NETO, 2017, p.51)

No entanto, anos mais tarde, a Prefeitura de Belo Horizonte requisitou a área onde estava situado o estádio, resultando em sua desativação. O terreno foi posteriormente destinado a novos usos urbanos, sendo atualmente ocupado pelo tradicional Mercado Central, localizado na região central da capital mineira.

O poder público local objetivava construir, nestes espaços, o Mercado Central e a Secretaria de Saúde. O governo propôs aos clubes a construção de novos estádios em troca de seus terrenos. (SOUZA NETO, 2017, p.61).

Com a retomada do terreno anteriormente utilizado pelo América Mineiro por parte da Prefeitura de Belo Horizonte, o clube se viu diante da necessidade de edificar um novo espaço para a prática do futebol. Dessa forma, em 9 de setembro

de 1928, foi inaugurado um novo estádio na capital mineira, inicialmente denominado “Estádio da Avenida Araguaya”, o qual, anos mais tarde, passaria a ser conhecido como “Estádio Alameda”.

Assim, o estádio do América inaugurado em 1923 deixaria de existir, dando lugar a uma nova praça esportiva, considerada maior e mais “moderna”. O chamado “Estádio da Avenida Araguaya” ficava nas imediações do Parque Municipal, próximo ao ribeirão Arrudas, na avenida de mesmo nome. A sua inauguração ocorreu em 09 de setembro de 1928, em meio a uma atribulada situação (SOUZA NETO, 2017, p.61).

O Clube Atlético Mineiro viria a inaugurar seu estádio na capital mineira apenas alguns anos depois: o Estádio Presidente Antônio Carlos, localizado no bairro de Lourdes, na região Centro-Sul da cidade, foi inaugurado em 30 de maio de 1929, com capacidade aproximada para 5.000 espectadores.

O estádio Antônio Carlos representaria uma nova possibilidade de assistir às partidas de futebol na Capital, quer pela sua dimensão grandiosa, quer pela sua estrutura e localização. A sua inauguração reverberou intensamente na imprensa, podendo ser localizado uma gama extensa de referências a tal acontecimento, principalmente por ter o Atlético convidado o Corinthians Paulista para o jogo inaugural. (SOUZA NETO, 2017, p.66)

Já o Cruzeiro Esporte Clube, que já havia deixado de se chamar Palestra Itália, reinaugurou seu estádio em 1º de julho de 1945, com o nome de Estádio Juscelino Kubitschek, em homenagem ao prefeito de Belo Horizonte naquele período. Situado no bairro Barro Preto, na Zona Sul da capital, o novo estádio passou a comportar cerca de 15.000 torcedores.

Nesta lógica, o chamado “estadinho do Barro Preto”, pertencente ao clube da colônia italiana local, e já sob a insígnia de Cruzeiro Esporte Clube, reinaugura o seu estádio, ampliando-o significativamente, além de torná-lo mais moderno. As arquibancadas de madeira das gerais foram substituídas por 11 degraus de cimento e passou a ter uma extensão de 250 metros. As arquibancadas das sociais também substituídas por cimento, tendo a sua área ampliada. A capacidade de público passou de 5 mil para 15 mil, triplicando sua possibilidade de absorção de público. Todas estas mudanças foram bancadas pelos sócios que contribuíram cada um com mil Cruzeiros. A reinauguração do estádio ocorreu em 1º de julho de 1945. (SOUZA NETO, 2017, p.71)

A construção do Estádio Independência, iniciada em 1948 pelo extinto Sete de Setembro Futebol Clube, representou um marco na infraestrutura esportiva de Belo Horizonte, não partindo dos tradicionais clubes locais, mas impulsionada pelo

vereador Antônio Lunardi e com o apoio da prefeitura, então sob a gestão de Otacílio Negrão de Lima.

A diretoria do Sete de Setembro fará realizar, amanhã, com expressivas solenidades, o início da terraplanagem do terreno onde será erguido o seu estádio, que receberá o nome do presidente da República, Gal. Eurico Gaspar Dutra. A primeira máquina para o aludido serviço chegou ontem à Capital, devendo vir outras até o princípio da próxima semana. Deliberaram os responsáveis pelo grêmio da Floresta homenagear a imprensa falada e escrita da cidade, oferecendo aos jornalistas especializados um “drink” no local do seu estádio, esquina da Av. Silviano Brandão com a rua Pitangui, no Horto Florestal. A solenidade será efectuada às 15 horas. Além da crônica esportiva, deverão prestigiar o acontecimento altas figuras dos desportos da cidade, bem como da política mineira. (ESTADO DE MINAS, 20 de agosto de 1948).

Por ocasião da Copa do Mundo de 1950, inicialmente, esperava-se que os jogos fossem realizados no Estádio da Alameda, pertencente ao América Futebol Clube. Apesar de ser o estádio mais preparado da cidade naquele momento, sua capacidade limitada foi criticada pela CBD (Confederação Brasileira de Desportos) e pela FIFA (Federação Internacional de Futebol Association), levando à sua exclusão do evento. Com a crescente pressão da Confederação Brasileira e o destaque de matérias como a do Estado de Minas, de junho de 1949, Negrão de Lima foi politicamente pressionado a concluir as obras do Independência, condição essencial para que Belo Horizonte sediasse partidas do Mundial.

Meses depois, ficava evidente que o Alameda não atendia às necessidades impostas pela CBD e FIFA, sendo considerado de fato um estádio acanhado frente à dimensão do maior evento futebolístico mundial... a própria Confederação Brasileira demonstrava forte interesse na conclusão do Independência (praticamente condicionando isto à realização dos jogos em Belo Horizonte). (SOUZA NETO, 2017, p 104).

A inauguração do Estádio Independência consolidou a cidade como um dos palcos do maior evento esportivo do mundo, marcando uma nova era para o futebol belo-horizontino e projetando a capital mineira no cenário esportivo internacional, com o Independência figurando entre os maiores estádios do país segundo.

Depois de tantas indefinições, finalmente o anúncio das partidas que seriam realizadas em Belo Horizonte dava definitivo alento à todos os envolvidos e interessados. Com isto, já era possível projetar a inauguração do Estádio Independência para a primeira partida da Copa do Mundo na cidade. (SOUZA NETO, 2017, p.125).

Inaugurado oficialmente durante a Copa do Mundo de 1950, com a partida entre Suíça e Iugoslávia no dia 25 de junho, o estádio tornou-se símbolo do desenvolvimento esportivo de Minas Gerais e marco arquitetônico da modernização futebolística em Belo Horizonte. O Estádio Independência posicionou-se como a terceira maior praça esportiva do país naquele momento, atrás apenas do Maracanã e do Pacaembu.

A partida entre Suíça e Iugoslávia, no dia 25 de junho de 1950, marcaria de fato o jogo inaugural do novo estádio de Belo Horizonte. (SOUZA NETO, 2017, p 125).

Em 1984, o América passou a ter os domínios do Estádio Independência.

Encerrava-se assim a história do Independência com o clube Sete de Setembro. Da aventura de Antônio Lunardi em construir um estádio à altura da capital mineira restara o legado de concreto, assumido então pelo América, que dali em diante se tornaria o proprietário e gestor da praça esportiva. (SOUZA NETO, 2017, p 129)

O acordo firmado entre o América Futebol Clube e o Sete de Setembro concedeu ao Coelho¹ o direito de utilizar o Estádio Independência, bem como a prerrogativa de sua gestão administrativa, embora a propriedade do equipamento esportivo permaneça vinculada ao clube fundador. O América, que anteriormente mantinha seu estádio no bairro Santa Efigênia, viu na utilização do Estádio Independência uma oportunidade estratégica de reencontrar-se com seu público, especialmente por conta da proximidade geográfica entre os dois estádios. O crescimento exponencial de América, Atlético e Cruzeiro tornou insuficientes os antigos estádios que abrigavam os jogos dos clubes, o Estádio Antônio Carlos (Atlético), o Estádio Juscelino Kubitschek (Cruzeiro), e o Estádio Independência (América). Essa demanda por um espaço maior e mais moderno ganhou força em um contexto nacional de valorização do futebol como patrimônio cultural e símbolo de identidade.

No final da década de 1950, o futebol já estava consolidado enquanto esporte nacional. A realização da Copa do Mundo, no Brasil, em 1950, e a conquista da Copa de 1958, pela seleção brasileira, deram maior visibilidade ao futebol brasileiro, que passa a ter cada vez mais interesse nacional e internacional. Especificamente, em âmbito nacional, os estádios se converteram nos principais equipamentos públicos capazes de convergir milhares de pessoas. Ao mesmo tempo, as competições intra e interestaduais ganhavam destaque no cenário nacional. (CAMPOS, 2016, p.77).

¹ Nome dado ao mascote do América Futebol Clube.

Durante a segunda metade do século XX, Minas Gerais ainda não dispunha de uma arena esportiva condizente com o prestígio e a tradição de seu futebol, sobretudo em comparação aos grandes estádios nacionais, como o Maracanã, no Rio de Janeiro, e o Pacaembu, em São Paulo. A constatação dessa carência intensificou o clamor por uma infraestrutura esportiva de grande porte que atendesse não apenas aos clubes locais e suas torcidas, mas também às exigências de modernidade e projeção simbólica da capital mineira no cenário nacional. Esse desejo coletivo materializou-se em um projeto estatal, resultando na criação do Estádio Mineirão. A formalização institucional para sua construção ocorreu em 25 de fevereiro de 1960, com a assinatura de um convênio entre o Ministério da Educação e Cultura (representado pela Universidade de Minas Gerais) e o Governo do Estado.

Assim, em 1960, foi firmado um convênio entre o Ministério da Educação e Cultura, a Universidade de Minas Gerais, o Conselho de Administração do Estádio Minas Gerais (ADEMG) e a Diretoria de Esportes do Estado de Minas Gerais. Esse convênio permitiu a construção do estádio em um terreno cedido pela Universidade de Minas Gerais e, em contrapartida, os seus alunos poderiam utilizar, além das instalações do estádio, o centro esportivo que seria construído concomitante à praça de esportes. (SANTOS, 2005, p.81).

O estádio foi inaugurado em 5 de setembro de 1965, com o nome oficial de Estádio Governador Magalhães Pinto, mas tornou-se amplamente conhecido como Mineirão. A construção do estádio representou não apenas um avanço estrutural para o futebol mineiro, mas também um símbolo dos anseios de modernização urbana e de inserção da capital mineira no cenário esportivo nacional.

Entre os anos de 1965 e 2010, o Mineirão consolidou-se como um dos principais palcos do futebol brasileiro, sendo cenário de conquistas emblemáticas de Atlético e Cruzeiro, além de sediar partidas da Seleção Brasileira. Nesse intervalo, o estádio foi palco de diversos momentos históricos, entre os quais se destaca a final do Campeonato Mineiro de 1997, quando Cruzeiro e Vila Nova protagonizaram um confronto diante de mais de 131 mil torcedores, o maior público registrado em sua história. Como publicado na Folha de São Paulo em 23 de junho de 1997;

O jogo de ontem contou com aproximadamente 131 mil torcedores (público recorde), sendo 74.857 pagantes. O número de mulheres e crianças que não pagaram ingresso ontem foi de 52.950. Muitos torcedores, com e sem ingresso, ficaram do lado de fora do estádio, que ficou superlotado.

Apesar da centralidade adquirida pelo Mineirão, o América Futebol Clube manteve-se como mandante no Estádio Independência, dando continuidade à sua relação com a arena situada no bairro do Horto, que se tornara, desde a década de 1950, símbolo da identidade esportiva e territorial do clube.

A partir de 2007, a trajetória do Mineirão sofreu uma importante mudança. Com a escolha do Brasil como país-sede da Copa do Mundo FIFA de 2014, tanto o estádio quanto a cidade de Belo Horizonte foram inseridos em um processo de reestruturação urbana e modernização arquitetônica. As reformas visavam atender às exigências técnicas e operacionais do chamado “Padrão FIFA”, o que implicou mudanças profundas na infraestrutura, no modelo de gestão e na lógica de uso do estádio (ABRAHÃO et al, 2013)

Para se adequar às determinações da FIFA e oferecer ‘modernidade’ e ‘conforto’ aos seus usuários, o principal palco do futebol mineiro, o estádio Governador Magalhães Pinto – Mineirão – ficou fechado por dois anos (2010-2012). (ABRAHÃO et al., 2013, p.3).

O ano de 2010 ficou marcado como o último do estádio antes de sua grandiosa reforma. Atlético e Ceará protagonizaram a última partida antes do fechamento do Gigante da Pampulha² para se adequar aos padrões estabelecidos pela FIFA.

No último jogo disputado no Mineirão, que passará por reforma visando a Copa do Mundo de 2014, o Atlético-MG decepcionou mais uma vez o seu torcedor, ao perder por 1 a 0 para o Ceará na tarde deste domingo. (UOL Esportes, p1, 06 de junho de 2010).

Esse padrão envolvia uma série de requisitos relacionados à segurança, acessibilidade, conforto, tecnologia e sustentabilidade.

Entre as exigências estavam: assentos numerados e cobertos para todos os espectadores, acessibilidade universal para pessoas com deficiência, instalações modernas de imprensa, vestiários ampliados e adequados, áreas VIP e de hospitalidade, zonas exclusivas para patrocinadores e delegações, sistema de vigilância integrado, placares eletrônicos de alta definição, além de padrões ambientais, como a gestão eficiente de energia e água e a certificação ambiental da construção. O padrão Fifa considera o conforto dos torcedores como algo fundamental. Por isso, a obra prevê: Novos acessos ao estádio com entradas exclusivas e separadas para veículos e pedestres; estacionamento com 3.900 vagas para veículos, sendo 3.200 cobertas; criação de esplanada em torno de todo o estádio.

² Termo popular usado para se referir ao Estádio Mineirão. O ano de 2010 ficou marcado como o último do estádio antes de sua grandiosa reforma. Atlético e Ceará protagonizam a última partida antes do fechamento do Gigante da Pampulha para se adequar aos padrões estabelecidos pela FIFA.

Área controlada e segura contando com acessos aos estacionamento, sanitários, áreas de apoio para venda de bebidas e alimentos, áreas para montagem de palcos e realização de eventos pré-jogo; Criação de novas áreas de circulação de público no anel inferior e otimização destas áreas no anel superior com áreas de apoio, novos sanitários e lanchonetes, seguindo os padrões internacionais recomendados pela Fifa; Serão 100% dos lugares em assentos (eliminação da geral), sendo 95% cobertos. Todos serão numerados, ergonômicos e feitos em um resistente material à base de polímero inquebrável e à prova de fogo. Os assentos VIPs são mais largos e confortáveis e os assentos da arquibancada superior se fecham automaticamente assim que o ocupante se levanta; Segurança das rotas de emergência ligadas entre o campo e as vias de trânsito. Novos postos policiais, todos com acesso independente e seguro a partir do piso térreo e com vista para a área de jogo, podendo assim controlar a comunicação com os espectadores. Controle total da entrada de torcedores, com catracas eletrônicas, a partir do acesso à esplanada onde é feito o primeiro controle e realizadas as revistas. Segundo ponto de controle nos portões de acessos aos diversos setores. Monitoramento por câmeras de segurança de todas as áreas internas e das áreas externas no entorno imediato ao estádio. (Portal Itambé, 2010)

Além disso, foi construída uma extensa esplanada ao redor do estádio, com cerca de 80 000 m², projetada para separar os fluxos de pedestres e veículos, integrar o complexo à Lagoa da Pampulha e permitir a prática do lazer, como skate e corridas, até a realização de eventos culturais. Segundo o Globo Esporte (2012), “a esplanada do Mineirão fica na área externa e será utilizada para lazer no estádio reformado”. O projeto reforça a monumentalidade da arquitetura original e transforma o estádio em um espaço público dinâmico, alinhado à lógica de arenas internacionais e à ambição de criar um verdadeiro cartão postal urbano.

Mais do que atender às exigências da FIFA, o Mineirão reafirma-se, após sua modernização, como um espaço versátil que amplia a sua vocação histórica como polo de convivência urbana e cultural. Já antes da reforma, o estádio exercia esse papel, acolhendo não apenas eventos esportivos, mas também manifestações culturais e sociais. Com as melhorias realizadas, consolidou-se ainda mais como um ambiente integrado ao seu entorno, oferecendo conforto, segurança e acessibilidade a torcedores, moradores e visitantes.

Após aproximadamente 900 dias de interdição para reforma, o Mineirão foi reaberto ao público no dia 3 de fevereiro de 2013, para a realização da primeira partida oficial. Nesta data foi realizado o clássico entre Atlético e Cruzeiro, válido pelo Campeonato Mineiro. No entanto, o retorno ao estádio gerou frustração em parte dos torcedores, que encontraram um ambiente completamente distinto

daquele ao qual estavam habituados, marcado por mudanças significativas em sua estrutura e por diversos problemas de organização e funcionamento.

Quem não tinha conhecido o novo estádio, anteriormente, sentiu um misto de surpresa e frustração. Elogios pela "beleza" da construção, mas reclamações quanto aos serviços oferecidos pela Minas Arena, empresa responsável pela administração nos próximos 25 anos. (UOL Esportes, 6 de fevereiro de 2013).

Diante desse novo cenário, o Grupo de Estudos Sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) identificou uma oportunidade de pesquisa com o objetivo de compreender a percepção dos torcedores mineiros em relação ao novo equipamento esportivo recém-reformado.

1.1 Objetivo

Este trabalho tem como objetivo analisar as percepções dos torcedores de Atlético e Cruzeiro frente às mudanças ocorridas no Mineirão, no período de 2013 e 2014.

1.2 Objetivos Específicos

- Identificar o perfil sociodemográfico dos torcedores que frequentam o Estádio Mineirão.
- Compreender a percepção dos torcedores quanto à infraestrutura e aos serviços de suporte oferecidos no Mineirão,
- Avaliar a percepção dos torcedores em relação às condições de segurança no Estádio Mineirão.
- Analisar as opiniões dos torcedores sobre a modernização e a atual configuração do Mineirão após sua reforma.

1.3 Justificativa

A ligação dos pesquisadores com o Estádio Mineirão constitui um dos elementos motivadores desta investigação. Ambos os autores mantêm, até os dias atuais, uma relação de pertencimento com esse espaço esportivo, frequentando-o regularmente, ainda que sejam torcedores de clubes distintos, um vinculado ao

Atlético e o outro ao Cruzeiro. Essa diversidade de filiações clubísticas, longe de representar um obstáculo, enriquece o olhar analítico e confere à pesquisa uma dimensão comparativa relevante. As distintas formas de vivência do estádio, marcadas por identidades torcedoras contrastantes, permitem captar nuances de percepção que poderiam passar despercebidas em abordagens mais homogêneas. Essa dualidade, portanto, favorece a compreensão mais aprofundada das experiências subjetivas associadas à reforma e ao uso contemporâneo do Mineirão.

Ambos os pesquisadores integram o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), vinculado à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e no qual o respectivo grupo participou ativamente da coleta de dados sobre o Mineirão, nos anos de 2013 e 2014. Essa experiência prévia com o banco de dados original despertou o interesse específico em aprofundar a análise das percepções dos torcedores quanto às transformações estruturais e simbólicas do estádio após sua reinauguração. Adicionalmente, a vivência recente de um dos autores na coleta de dados para pesquisa semelhante sobre a Arena MRV, novo estádio do Clube Atlético Mineiro, estimulou comparações e reflexões que tornaram ainda mais pertinente o retorno ao material coletado sobre o Mineirão.

A presente pesquisa justifica-se, portanto, não apenas pela relevância simbólica, cultural e esportiva do Estádio Mineirão no cenário de Belo Horizonte, mas também pela possibilidade de contribuir com reflexões críticas sobre as relações entre infraestrutura esportiva e experiência do torcedor. Ao investigar as percepções e expectativas das torcidas frente às mudanças ocorridas no estádio, busca-se oferecer subsídios que possam orientar estratégias de gestão mais sensíveis às demandas do público, promovendo um ambiente mais acolhedor, funcional e alinhado às identidades que ali se manifestam.

1.4 Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza exploratório-descritiva. Tal abordagem visa proporcionar uma compreensão abrangente de um fenômeno específico, possibilitando a formulação de questionamentos para investigações futuras. Para tanto, são empregados diversos

procedimentos metodológicos voltados à coleta de dados, os quais podem envolver tanto descrições quantitativas quanto qualitativas do objeto de estudo.

Os dados foram obtidos do banco de dados do GEFuT referente a pesquisa realizada no período de 2013 e 2014. Os dados estavam tabulados no software Statistican Package for Social Sciences (SPSS) para Windows, versão 21.0. Esse software permite gerar relatórios e gráficos a partir do cruzamento de variáveis, o que possibilita fazer uma análise descritiva do fenômeno estudado.

Vale ressaltar que cada pesquisador tinha como meta aplicar 10 questionários por partida, seguindo uma distribuição previamente definida: 7 homens, 3 mulheres e, dentro desse total, ao menos 1 pessoa com 60 anos ou mais, independentemente do sexo. Essa orientação, embora tenha buscado garantir diversidade etária e de gênero, contribuiu para a predominância masculina na amostra final.

2. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

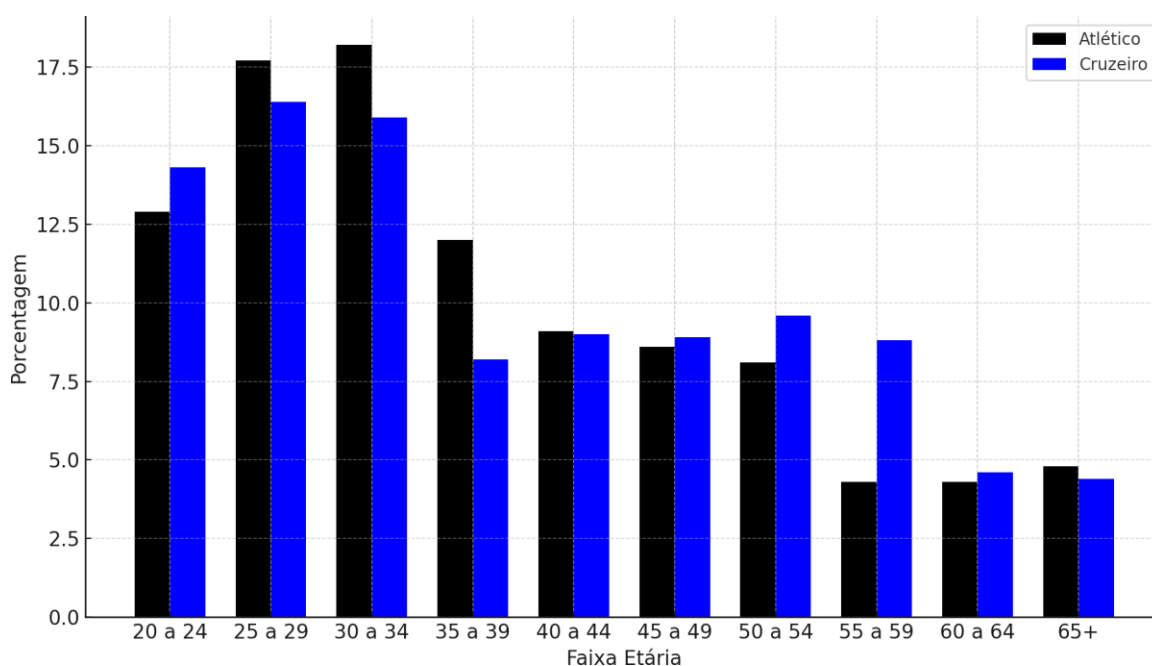
A pesquisa contou com a participação de 1.144 torcedores, sendo 219 (19,14%) do Atlético e 925 (80,86%) do Cruzeiro³.

2.1 Perfil dos torcedores participantes

Nesta parte serão apresentados os dados referentes ao perfil dos torcedores no que se refere a sexo, gênero, idade, entre outros. Também serão apresentados os dados em relação à frequência dos torcedores nos estádios Mineirão, Independência e Interior.

Os dados referentes à faixa etária dos torcedores de Atlético e Cruzeiro revelam importantes nuances sobre o perfil etário das duas torcidas no período analisado, conforme a Figura 1.

Figura 1 – Distribuição por faixa etária dos torcedores



Fonte: elaborado pelos autores

Os dados indicam que tanto a torcida do Atlético quanto a do Cruzeiro apresentam maior concentração nas faixas etárias de 25 a 34 anos. Entre os atleticanos, destaca-se a faixa de 30 a 34 anos, com 18,2% do público. Já entre os

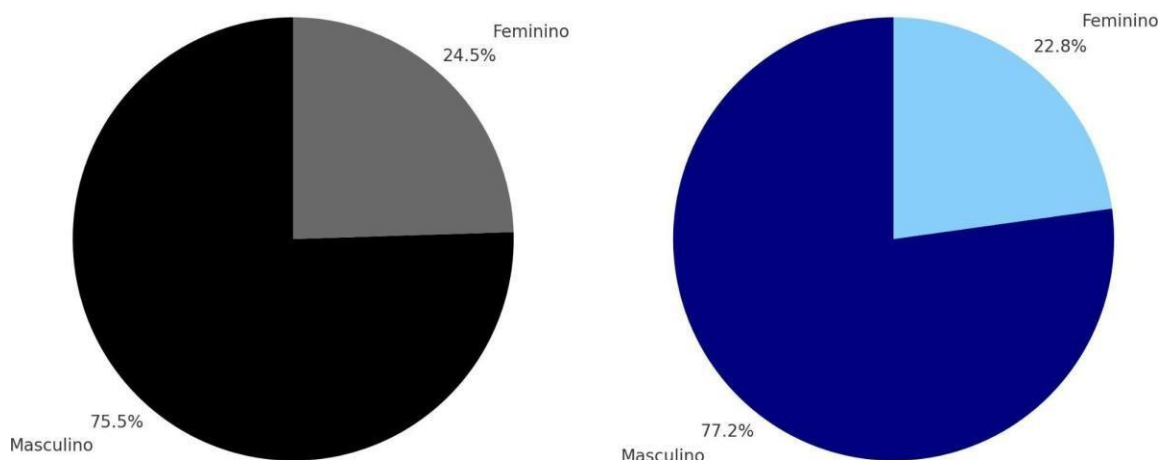
³ Durante os anos em que a pesquisa foi realizada, o Atlético mandava suas partidas prioritariamente no Estádio Independência, tendo o Mineirão como segunda opção para eventuais jogos.

cruzeirenses, o maior percentual está na faixa de 25 a 29 anos, com 16,4%. Na faixa de 20 a 24 anos, ambos os grupos apresentam percentuais inferiores: 11,3% entre os atleticanos e 13,6% entre os cruzeirenses. Esses números evidenciam que a maioria do público presente nos estádios se concentra entre 25 e 34 anos, com variações de destaque entre os dois clubes.

No que diz respeito a distribuição por sexo, na torcida do Atlético, 75,5% dos participantes da pesquisa se identificaram com o sexo masculino, enquanto 24,5% com o sexo feminino. Entre os torcedores do Cruzeiro, a presença masculina foi ainda mais expressiva, representando 77,2% da amostra, em contraste com 22,8% de mulheres. Esses percentuais refletem, em parte, a própria estratégia metodológica adotada na coleta de dados⁴.

Há uma tendência histórica de maior participação masculina no futebol, especialmente no que se refere à presença nos estádios e ao engajamento em práticas culturais relacionadas ao esporte. No entanto, a participação feminina revela um espaço crescente das mulheres no universo futebolístico, demonstrando avanços em termos de inclusão e representatividade de gênero no contexto esportivo. Esse recorte de gênero é fundamental para compreender as mudanças sociais que vêm moldando o perfil das torcidas nas últimas décadas. De acordo com as Figuras 2 e 3.

Figuras 2 e 3 – Distribuição por Sexo dos Participantes, Atlético e Cruzeiro, respectivamente

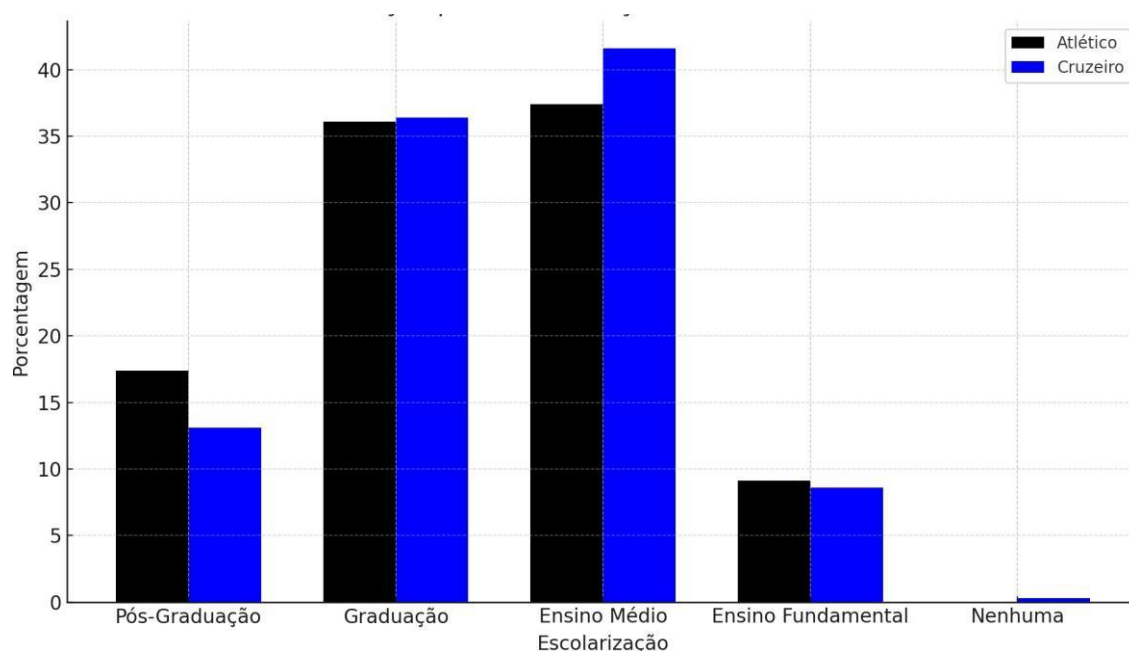


Fonte: Elaborado por autores

Em relação à escolarização, a maioria dos entrevistados possui ensino médio completo, com 41,6% entre os cruzeirenses e 37,4% entre os atleticanos. No nível de graduação, há equilíbrio: 36,4% dos cruzeirenses e 36,1% dos atleticanos possuem diploma universitário. Já no nível de pós-graduação, os atleticanos apresentam 17,4%, frente a 13,1% dos cruzeirenses.

Esses dados indicam que o futebol, embora mantenha sua forte dimensão popular, tem passado por uma transformação no perfil de seu público, atraindo também torcedores com níveis mais elevados de escolaridade. Essa mudança pode estar relacionada a um contexto social mais amplo, marcado pela redução das taxas de analfabetismo e por políticas públicas de incentivo ao acesso à educação, como o ENEM, o PROUNI, o FIES, entre outras. Assim, observa-se que o vínculo com o clube e com o espetáculo esportivo pode ser influenciado por esse novo perfil de torcedores, cujas experiências, expectativas e formas de consumo do futebol tendem a ser diferentes daquelas tradicionalmente associadas às classes populares. Conforme a Figura 4.

Figura 4 - Distribuição por Escolarização



Fonte: Elaborado por autores

A análise da renda dos torcedores de Atlético e Cruzeiro revela uma ampla diversidade socioeconômica, com presença de indivíduos em diferentes faixas de rendimento (Figura 5).

A distribuição de renda mensal dos torcedores revela, nos anos de 2013 e 2014, um predomínio de faixas intermediárias e superiores de rendimento. Em 2013, as três faixas mais expressivas foram: R\$3.391 a 6.780 (22,0%), R\$1.356 a 2.034 (18,6%) e R\$6.781 a 13.560 (13,6%). Já em 2014, os percentuais mais elevados concentraram-se em R\$3.621 a 7.240 (18,2%), R\$7.241 a 14.480 (20,5%) e R\$2.176 a 3.620 (15,9%). Esses valores demonstram que a maior parte dos torcedores declararam rendimentos acima de dois salários mínimos, indicando um perfil de público com maior poder aquisitivo.

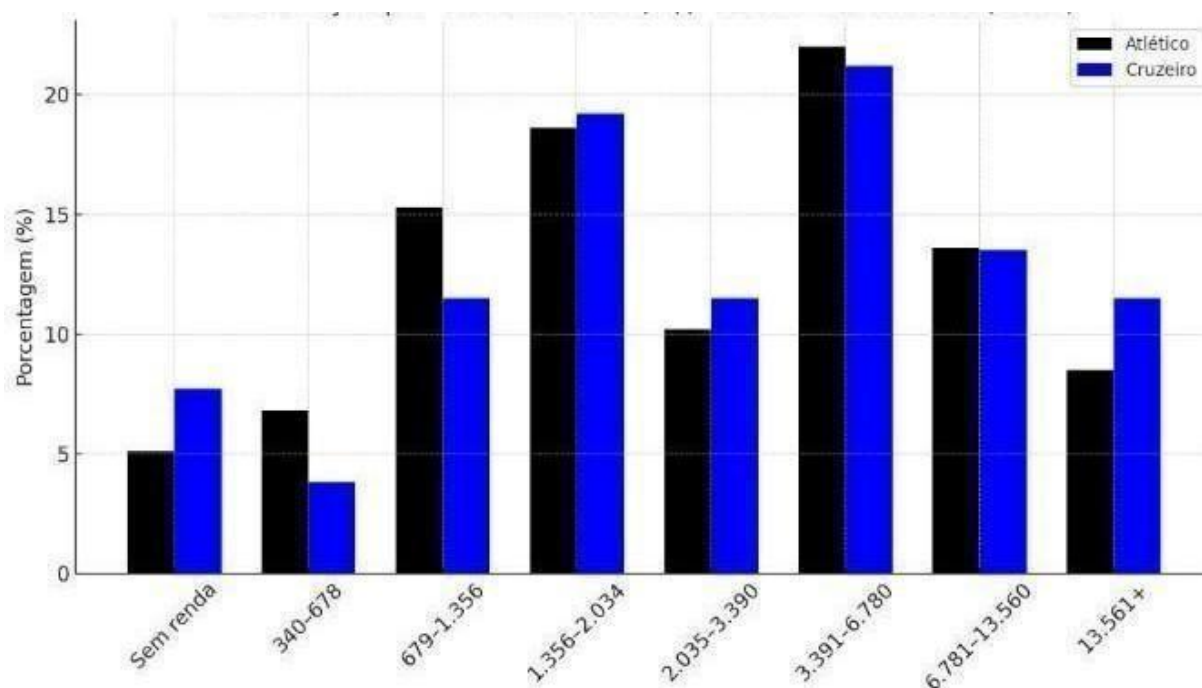
Esses dados ganham relevância particular quando analisados à luz da política de precificação dinâmica dos ingressos, implementada com mais força após a reinauguração do Mineirão para a Copa do Mundo de 2014. Conforme destacam Queiroz e Silva (2021), o preço médio dos ingressos passou a variar com base na expectativa de público e no apelo da competição, criando um cenário de oscilações abruptas que impactaram diretamente a acessibilidade econômica ao estádio. A presença expressiva de torcedores em faixas de renda acima de dois salários

mínimos pode, portanto, ser compreendida como uma consequência direta dessa política de preços, que favoreceu a permanência de consumidores com maior capacidade de absorver os aumentos pontuais nos valores dos bilhetes.

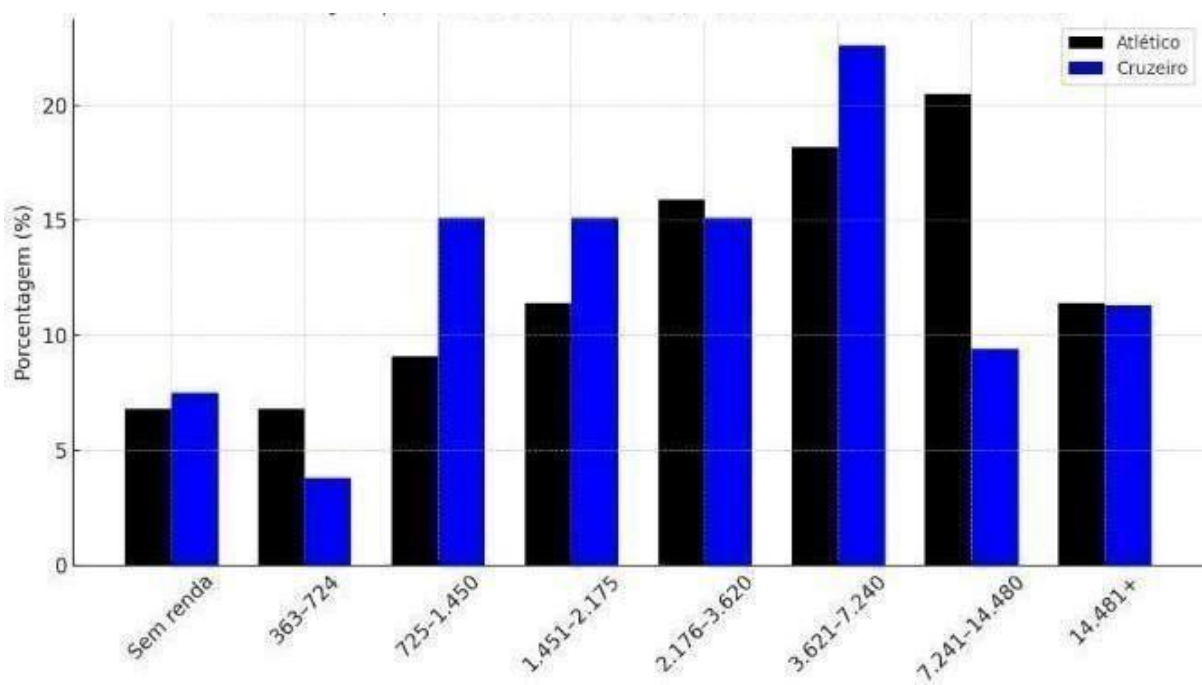
Importante notar que tanto o Atlético quanto o Cruzeiro atravessaram, nos anos de 2013 e 2014, fases esportivamente vitoriosas, o Atlético sagrou-se campeão da Libertadores em 2013, e o Cruzeiro conquistou o Campeonato Brasileiro nos respectivos anos. Além de ambos os times chegarem na final da Copa do Brasil de 2014, disputando o segundo jogo da decisão no estádio. Segundo o artigo analisado, o apelo emocional desses momentos é um dos fatores que desloca a curva da demanda, justificando aumentos consideráveis nos preços dos ingressos com base na expectativa e engajamento dos torcedores. Nesse contexto, é possível observar uma reconfiguração do perfil do público presente, com a exclusão gradual de torcedores de faixas de renda mais baixas, como os que estavam nas categorias “Sem renda” (5,1% em 2013 e 6,8% em 2014) ou abaixo de R\$ 1.356 (6,8% em 2013 e 6,8% em 2014), faixas que tiveram menor representação nos dois anos analisados.

Assim, os dados de renda dos torcedores confirmam empiricamente o que Queiroz e Silva (2021) identificam como a transformação do lazer futebolístico em um produto mais seletivo e condicionado à capacidade de pagamento, sobretudo em períodos de maior visibilidade esportiva. A política de precificação dinâmica, embora eficiente em termos de arrecadação, também se revelou um mecanismo de filtragem econômica que contribuiu para o afastamento de parte significativa do público historicamente associado ao futebol de estádio.

Figura 5 – Distribuição por renda mensal, 2013 e 2014, respectivamente



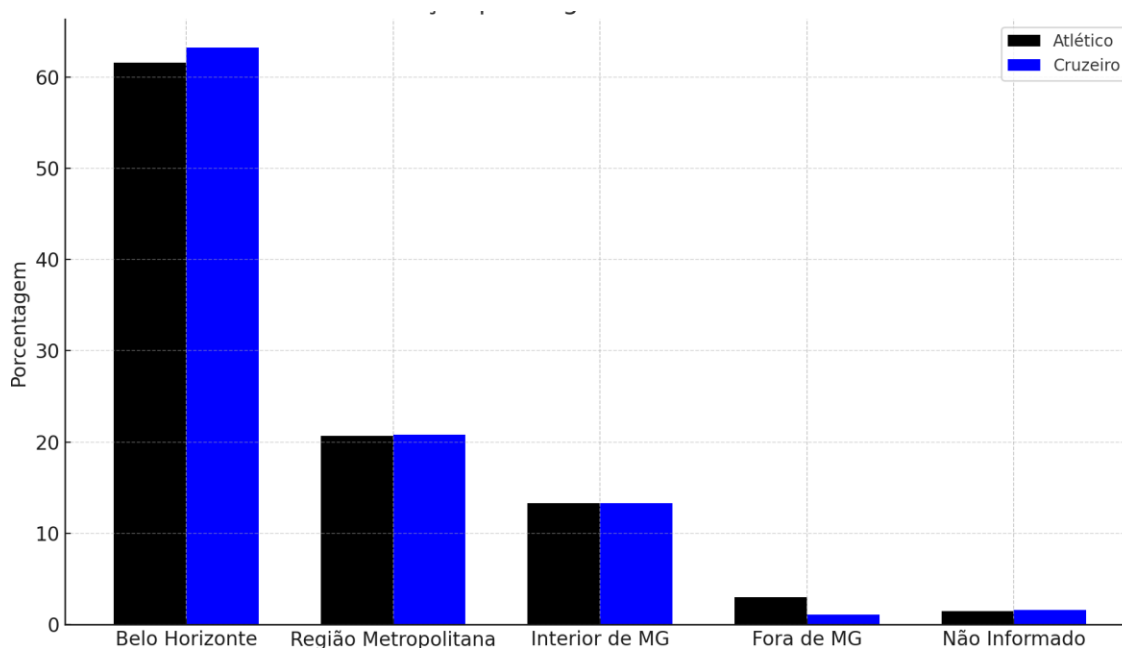
Fonte: Elaborado por autores



Fonte: Elaborado por autores

Sobre a origem geográfica dos torcedores mostra-se que a capital mineira concentra a maior parte dos presentes nos estádios de Atlético e Cruzeiro, com 61,6% e 63,2%, respectivamente, residindo em Belo Horizonte. Esses números reforçam a centralidade da cidade como principal espaço de vinculação territorial das torcidas, funcionando não apenas como local de residência, mas também como cenário simbólico e prático da vivência torcedora. Como apontam Campos, Bruzzi e Silva (2016), o espaço urbano, especialmente o entorno do estádio, atua como uma extensão da experiência dos torcedores, revelando formas de apropriação e ocupação que ultrapassam o ato de assistir ao jogo. Assim, embora as torcidas estejam espalhadas por outras regiões, é em Belo Horizonte que se concentram as principais manifestações cotidianas e afetivas ligadas ao futebol. Conforme a Figura 6.

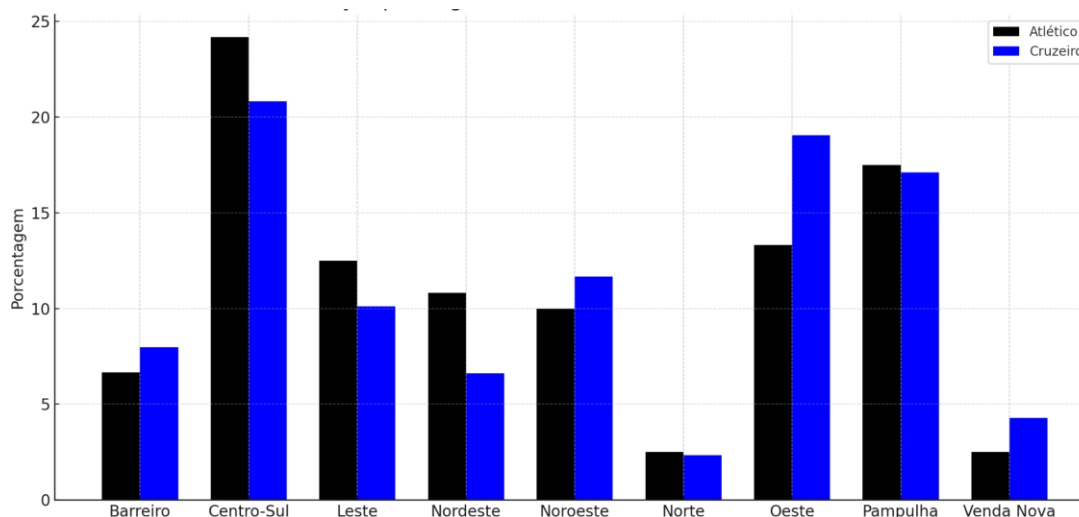
Figura 6 - Distribuição por região do Estado



Fonte: Elaborado por autores

A distribuição dos torcedores de Atlético e Cruzeiro pelas regionais de Belo Horizonte revela padrões geográficos distintos, ainda que com algumas semelhanças pontuais, conforme a Figura 7.

Figura 7 - Distribuição por região de Belo Horizonte



Fonte: Elaborado por autores

A distribuição espacial das torcidas de Atlético e Cruzeiro em Belo Horizonte revela padrões fortemente relacionados à classe social e à renda domiciliar. As três regiões com maior concentração de torcedores de ambos os clubes são: a região Centro-Sul, a região Oeste e a Pampulha que refletem essa lógica. A região Centro-Sul é a que concentra a maior quantidade de torcedores, onde residem 24,17% dos atleticanos e 20,82% dos cruzeirenses. Essa região é tradicionalmente associada a áreas de alto poder aquisitivo, conforme apontado por Campos, Bruzzi e Silva (2016). Os autores destacam como a reforma do estádio, vinculada à Copa do Mundo de 2014, gerou uma seletividade no acesso que acabou por favorecer torcedores de classes média e alta, especialmente residentes das regiões mais centrais da cidade.

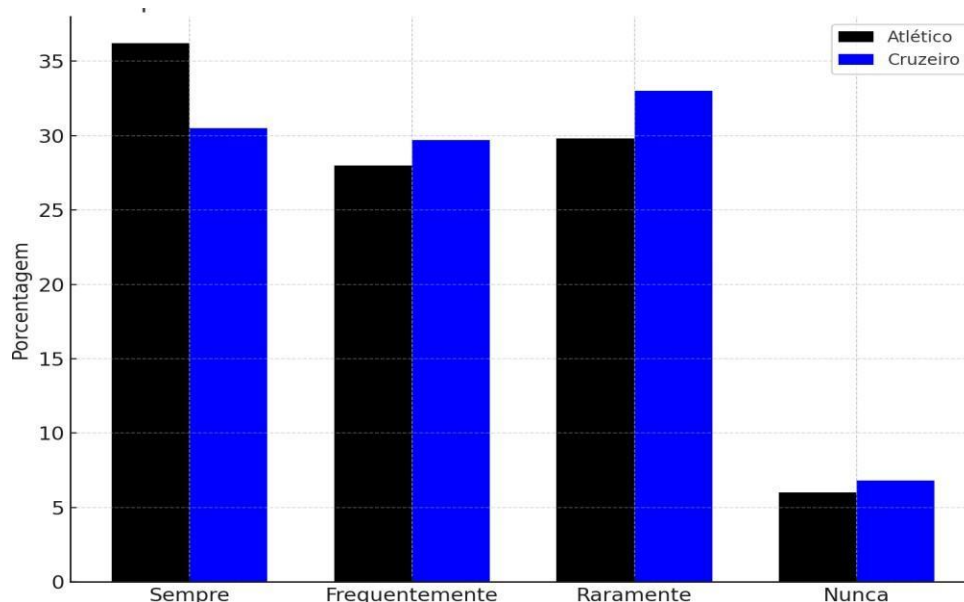
A Regional Oeste, por sua vez, concentra 19,06% dos cruzeirenses e 13,33% dos atleticanos, sendo o território com maior diferença de percentual entre as torcidas. Essa diferença pode estar relacionada ao perfil socioespacial da região, marcada por uma urbanização densa, com bairros de alto padrão aquisitivo e bairros de identidade operária. Já a Pampulha apresenta 17,50% de atleticanos e 17,12%

de cruzeirenses. Dessa forma fica sendo a região de maior equilíbrio entre as torcidas, refletindo seu caráter misto em termos de renda e ocupação urbana.

Em contraste, regiões periféricas como Venda Nova e Norte registram os menores índices de torcedores de ambos os clubes. Essa menor presença pode ser compreendida à luz da análise de Campos et al. (2016), que apontam que torcedores de áreas periféricas enfrentam maiores barreiras econômicas e logísticas para participar ativamente da cultura do estádio, o que também pode refletir uma menor visibilidade nos levantamentos de presença ou associação torcedora. Assim, a origem social e a localização territorial continuam sendo fatores determinantes para entender a distribuição das torcidas na cidade, tanto em sua prática cotidiana quanto no acesso a espaços simbólicos como o Mineirão.

Os dados referentes à frequência dos torcedores de Atlético e Cruzeiro ao Mineirão antes da sua reforma revelam diferentes graus de assiduidade e envolvimento com o estádio e o clube, conforme nos mostra a Figura 8.

Figura 8 - Frequência no Mineirão antes da reforma



Fonte: Elaborado por autores

Entre os atleticanos, 36,2% afirmaram frequentar sempre os jogos ou eventos do clube, percentual superior ao dos cruzeirenses, que registraram 30,5% nessa mesma categoria. Esse dado sugere que, no período anterior à modernização do

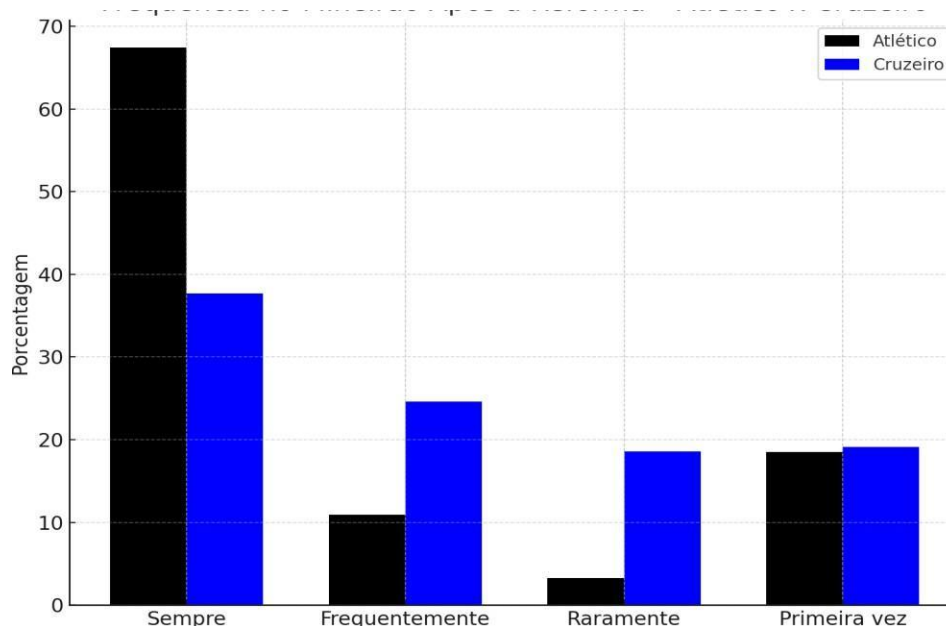
estádio, os torcedores do Atlético demonstravam uma presença mais constante, talvez refletindo uma relação mais orgânica com o antigo Mineirão.

Por outro lado, o percentual de torcedores que frequentavam raramente é mais expressivo entre os cruzeirenses (33,0%) do que entre os atleticanos (29,8%), o que pode indicar menor acesso ou identificação com o estádio no modelo anterior. Já o grupo que nunca comparecia aos jogos é pequeno, Cruzeiro (6,8%) e Atlético (6,0%).

Esses dados ajudam a compreender o comportamento das torcidas antes da reestruturação do Mineirão, reforçando a ideia de que o estádio, em seu formato original, exercia diferentes níveis de atração e pertencimento entre os torcedores de cada clube.

Já sobre a frequência dos torcedores de Atlético e Cruzeiro após a reforma do Mineirão revelam mudanças no perfil de engajamento com o estádio, conforme os dados apresentados na Figura 9.

Figura 9 - Frequência após a reforma



Fonte: Elaborado por autores

Um dos dados que chama atenção é o aumento na frequência dos torcedores do Atlético ao Mineirão após a modernização do estádio: 67,4% passaram a frequentar sempre o estádio, indicando uma transformação na relação da própria

torcida com esse espaço. Essa mudança é ainda mais marcante ao se considerar que, no período inicial pós-reforma, o clube optou por mandar a maior parte de seus jogos no Estádio Independência, deixando o Mineirão para confrontos decisivos ou de grande apelo. A menor quantidade de partidas no estádio reformado sugere que o Mineirão adquiriu valor simbólico elevado mesmo sem ser o palco principal das partidas do clube.

No caso do Cruzeiro, os dados revelam uma relação mais homogênea. Embora apenas 24,6% dos cruzeirenses tenham declarado ir sempre ao estádio, há um grupo fiel que manteve certa regularidade. Por outro lado, 18,6% afirmaram frequentar raramente o Mineirão, o que pode indicar um distanciamento parcial ou uma adaptação mais lenta ao novo modelo de estádio. Essa oscilação pode estar relacionada a questões socioeconômicas, acesso e ao processo de elitização do espaço, como apontado por Campos, Bruzzi e Silva (2016).

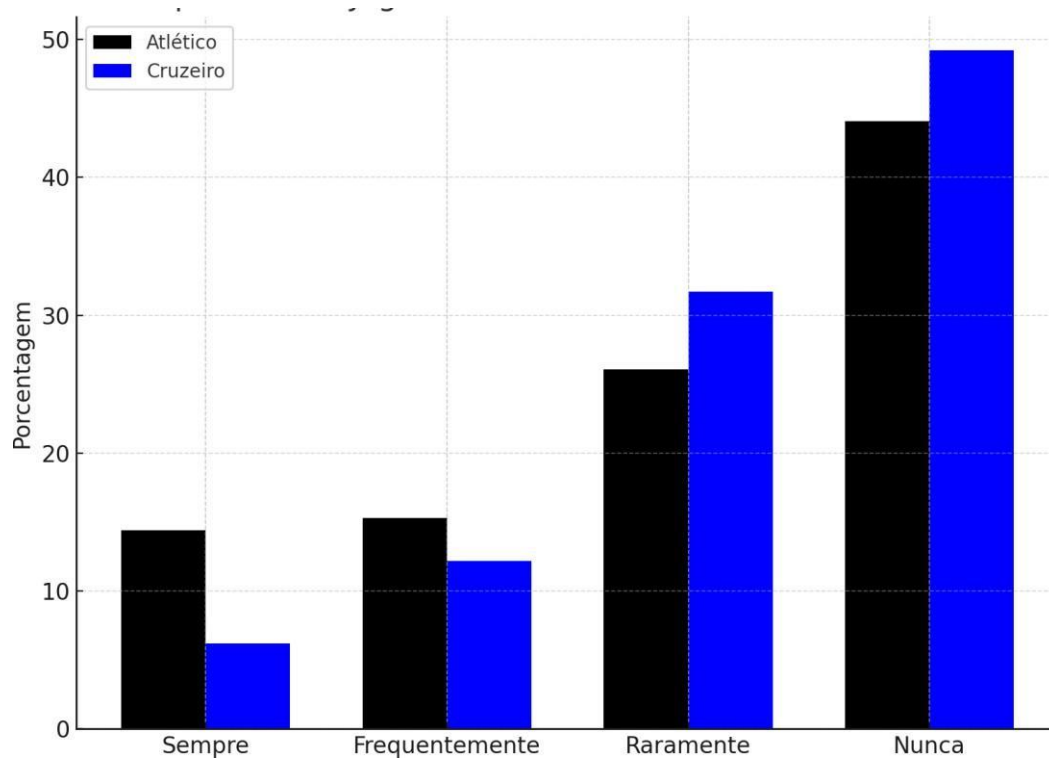
Além disso, a porcentagem de torcedores que estavam em sua primeira vez no estádio, 18,5% entre os atleticanos e 19,1% entre os cruzeirenses, mostra que a reforma também funcionou como atrativo para novos públicos.

No que se refere aos dados sobre a frequência dos torcedores de Atlético e Cruzeiro em jogos realizados no interior de Minas Gerais revelam um padrão de participação consideravelmente mais baixo em comparação aos jogos na capital, além de diferenças entre as torcidas. Os torcedores do Atlético demonstram maior presença no interior, com 14,4% afirmando frequentar sempre esses jogos e 15,3% frequentemente, enquanto entre os cruzeirenses esses percentuais são de apenas 6,2% e 12,2%, respectivamente. Conforme a Figura 10.

Essa diferença pode estar relacionada à estratégia do Atlético de levar mais partidas para o interior em determinados períodos, ou ainda à existência de uma rede de apoio e logística mais efetiva junto à sua torcida fora da capital. Por outro lado, o percentual de cruzeirenses que nunca frequentaram jogos no interior é de 49,2%, número superior ao dos atleticanos (44,1%), indicando um menor envolvimento da torcida celeste com essa dinâmica. A categoria raramente apresenta os maiores índices em ambas as torcidas (26,1% no Atlético e 31,7% no Cruzeiro), o que evidencia que, apesar da presença esporádica, o deslocamento para o interior ainda representa um desafio logístico ou de interesse para a maioria dos torcedores. Esses dados reforçam a centralidade de Belo Horizonte na vivência do futebol mineiro e indicam que, embora os jogos no interior tenham potencial de

aproximação com públicos locais, ainda não representam um hábito consolidado para a maioria das torcidas.

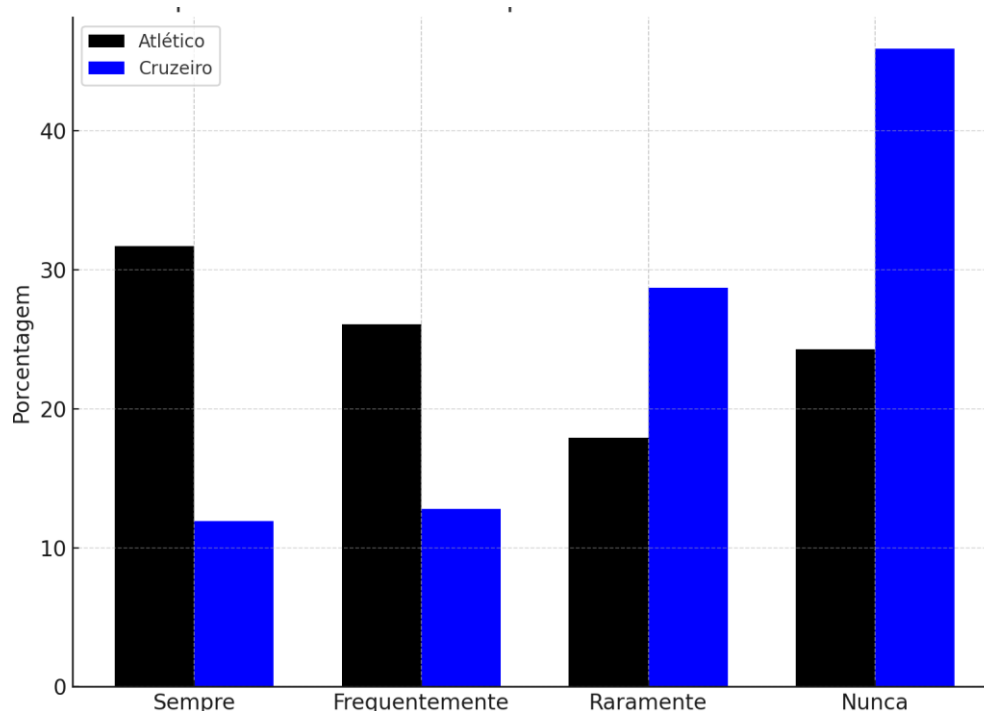
Figura 10 - Frequência em jogos no interior de Minas Gerais



Fonte: Elaborado por autores

Em referência à frequência dos torcedores de Atlético e Cruzeiro nos jogos realizados no Estádio Independência revelam um padrão inverso entre as duas torcidas em relação à presença nesse local, conforme a Figura 11:

Figura 11 - Frequência no Independência



Fonte: Elaborado por autores

A frequência com que os torcedores comparecem ao Estádio Independência expressa diferenças significativas no vínculo entre o espaço esportivo e as duas principais torcidas de Belo Horizonte. O gráfico revela um comportamento oposto entre os extremos da escala: 31,6% dos torcedores do Atlético afirmam frequentar o estádio sempre, ao passo que apenas 12,2% dos cruzeirenses dizem o mesmo. Em contrapartida, 44,5% dos cruzeirenses declararam que nunca vão ao estádio, frente a 24,1% dos atleticanos.

Essa inversão evidencia um traço estrutural nas relações que cada torcida estabelece com o Estádio Independência. Para os torcedores do Atlético, o Independência não é apenas uma arena esportiva, mas sim um espaço de memória, resistência e identificação coletiva. Como observa Melo (2013), o estádio representa uma espécie de território sagrado para o atleticano, especialmente porque foi ali que o clube disputou partidas históricas durante períodos em que o Mineirão esteve inacessível ou em reformas. Esse histórico consolidou o Independência como "a

casa do Galo", expressão que se tornou recorrente entre os próprios torcedores e que reforça o sentimento de pertencimento ao local.⁵

Já no caso do Cruzeiro, o Independência nunca ocupou esse lugar simbólico central. Tradicionalmente vinculado ao Estádio Mineirão, o clube construiu sua identidade coletiva em um espaço maior, com outro perfil arquitetônico e simbólico. Melo (2013) destaca que essa mudança foi acompanhada por um processo de modernização e encarecimento do acesso, o que contribuiu para a sensação de distanciamento da torcida. Tal fenômeno pode explicar os 44,5% de cruzeirenses que nunca frequentaram o estádio, indicando uma rejeição não apenas prática, mas também simbólica ao novo cenário.

Além do apego territorial, a diferença de frequência também está ligada à relação emocional com o espetáculo. O torcedor atleticano que frequenta sempre o estádio manifesta não apenas fidelidade ao clube, mas também uma forma de vivenciar o futebol como rito coletivo e comunitário, em um espaço que é, ao mesmo tempo, palco e símbolo. Já entre os cruzeirenses, a ausência mais expressiva pode refletir uma percepção de que o Independência não representa adequadamente os valores e a história do clube, funcionando como uma arena neutra ou até desconfortável.

Dessa forma, os dados não se limitam a ilustrar comportamentos de presença ou ausência: eles revelam relações profundas com o espaço urbano e esportivo, sustentadas por memórias, significados e dinâmicas de pertencimento que diferenciam profundamente a experiência torcedora de atleticanos e cruzeirenses no Estádio Independência.⁶

⁵O presidente Alexandre Kalil não se cansa de ressaltar o orgulho de ter dado uma casa ao Atlético-MG, o estádio Independência. O clube, em parceria com o consórcio que administra a arena, fechou uma parceria comercial com o consórcio que dará ao Galo participação nas receitas em todos os eventos realizados no local. Se o Cruzeiro mandar os jogos lá, o Galo vai lucrar. (Ge.globo, 16/05/2012). <https://ge.globo.com/futebol/times/atletico-mg/noticia/2012/05/alexandre-kalil-ironiza-cruzeiro-e-ressalta-valor-do-independencia.html>

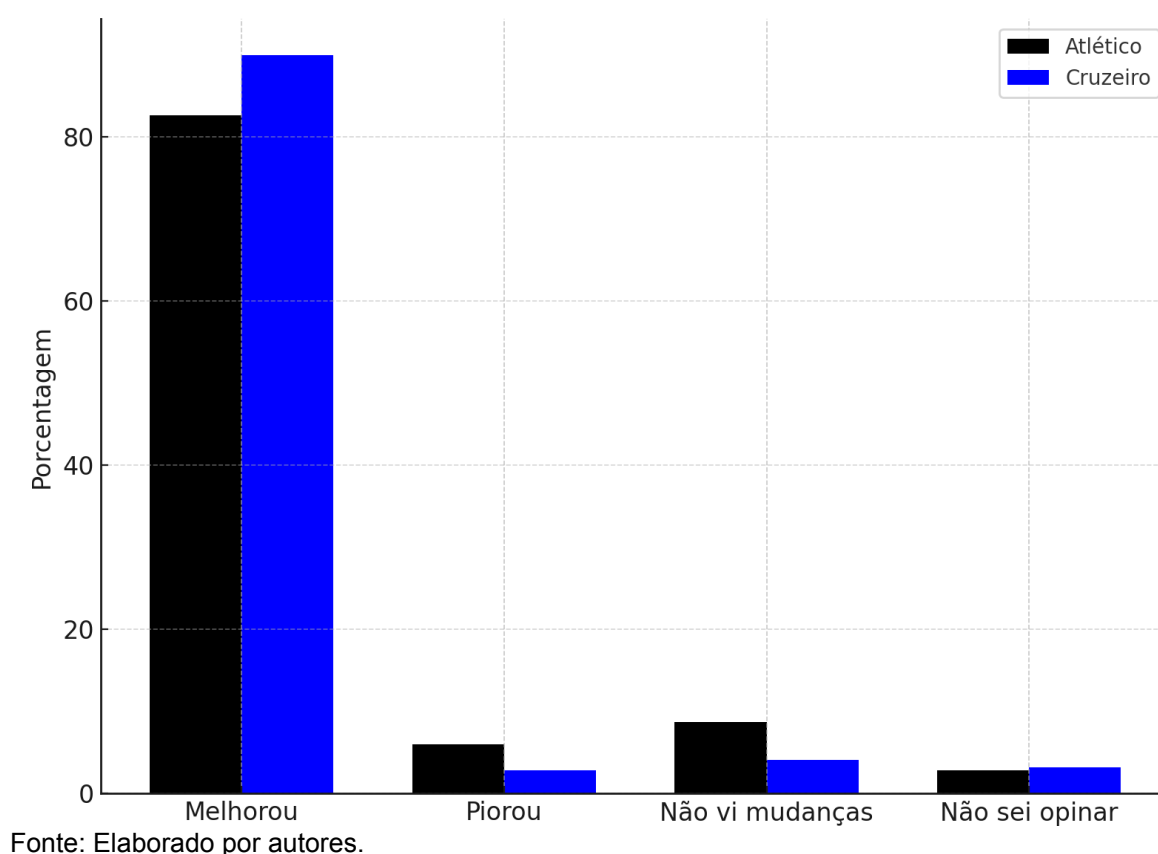
⁶ Atlético e Minas Arena não se acertaram em relação ao clube mandar seus jogos no Mineirão. O presidente alvinegro, Alexandre Kalil, critica as condições oferecidas pela administradora do estádio e vai se reunir com o governador Antônio Anastasia. "O Mineirão não é dos mineiros. O Atlético e o Cruzeiro são dos mineiros. Mineirão é de uma empresa privada que quer liquidar o futebol mineiro. A brincadeira é algo em torno de R\$ 3 bilhões. Estou dizendo porque estudamos os números. Estamos marcados com o governador para mostrar o horror que é o contrato que estão oferecendo no Mineirão", afirma em entrevista à *Radio Itatiaia*. "Já estou marcado com ele, vou levar os números, que são absurdos", completa. (SuperEsportes, 04/01/2013) https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/atletico-mg/2013/01/04/noticia_atletico_mg.238608/amp.html,

2.2 Percepção dos torcedores sobre o Novo Mineirão

Durante a pesquisa os torcedores foram questionados em relação ao Conforto, Banheiro, Estacionamento, Acessibilidade, Tropeiro, Demais Alimentos e Bebidas, Comércio Interno e Externo, Segurança e Atuação da Polícia Militar.

Com base nos dados obtidos, é possível observar que a grande maioria dos torcedores tanto do Atlético quanto do Cruzeiro percebeu uma melhora no aspecto de conforto. Entre os atleticanos, 82,6% afirmaram que o conforto melhorou, enquanto entre os cruzeirenses, alcançando 89,9%. Conforme Figura 12.

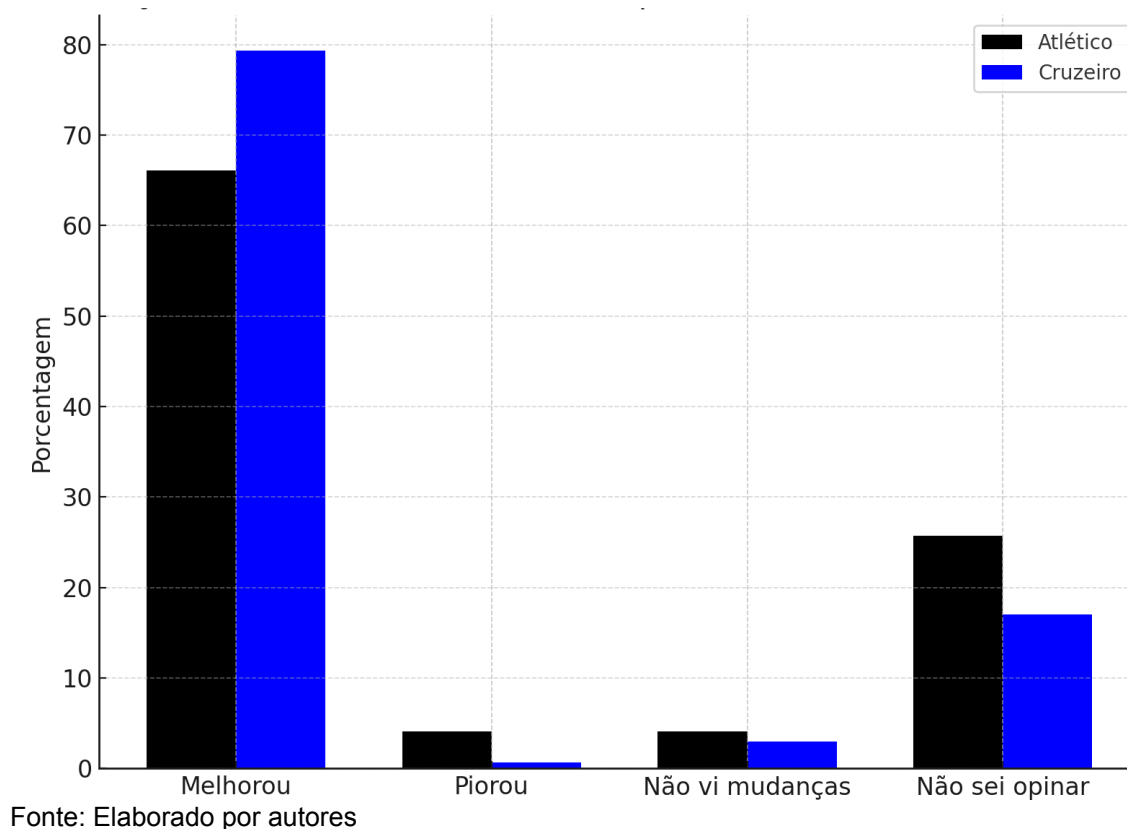
Figura 12 - Conforto



A opinião dos torcedores sobre os banheiros do Mineirão após a reforma é amplamente positiva. Entre os cruzeirenses, 79,3% apontaram melhora na estrutura ou condições de uso, enquanto entre os atleticanos esse percentual foi de 66,1%. As críticas são pouco expressivas, com apenas 0,7% dos torcedores do Cruzeiro e 4,1% dos do Atlético afirmando que os banheiros pioraram.

Os dados demonstram que a reforma teve impacto positivo perceptível nesse aspecto, reforçando a valorização da infraestrutura sanitária entre os frequentadores do estádio.

Figura 13 - Banheiros

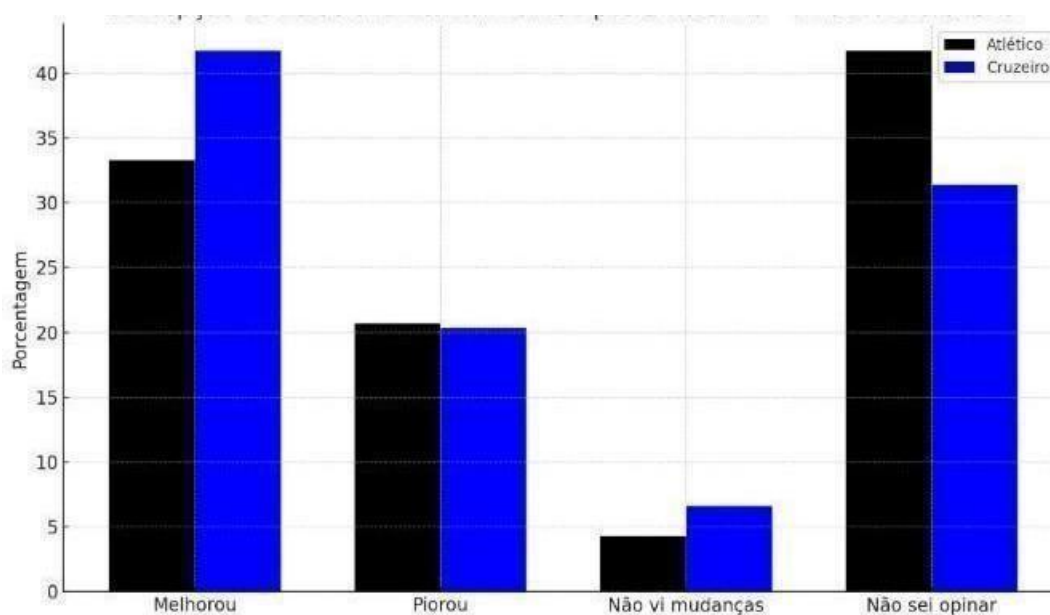


Em relação ao estacionamento, a avaliação dos torcedores revela uma percepção amplamente positiva, embora não isenta de críticas. Entre os torcedores do Cruzeiro, 41,7% indicaram que houve melhoria nas condições de estacionamento, enquanto 20,3% consideraram que houve piora. Já entre os torcedores do Atlético, 33,3% relataram melhora, e 20,7% perceberam uma piora. Como mostra a Figura 14.

A percepção positiva sobre o estacionamento pode estar relacionada à melhora da sinalização, reorganização do fluxo de veículos ou à oferta de maior segurança na circulação. Entretanto, a manutenção de uma parcela de insatisfação, ainda que minoritária, sugere que tais melhorias não foram suficientes para atender a totalidade das expectativas dos frequentadores, ou que os efeitos positivos não se distribuíram de forma homogênea entre os diversos setores e públicos do estádio. É

importante ressaltar que o estacionamento, enquanto infraestrutura de suporte à vivência do jogo, interfere diretamente na experiência do torcedor, afetando desde o planejamento da ida ao estádio até o retorno para casa. Reformas que impactam esse aspecto logístico podem repercutir não apenas na comodidade, mas também na percepção geral de eficiência e modernidade do espaço esportivo.

Figura 14 - Estacionamento



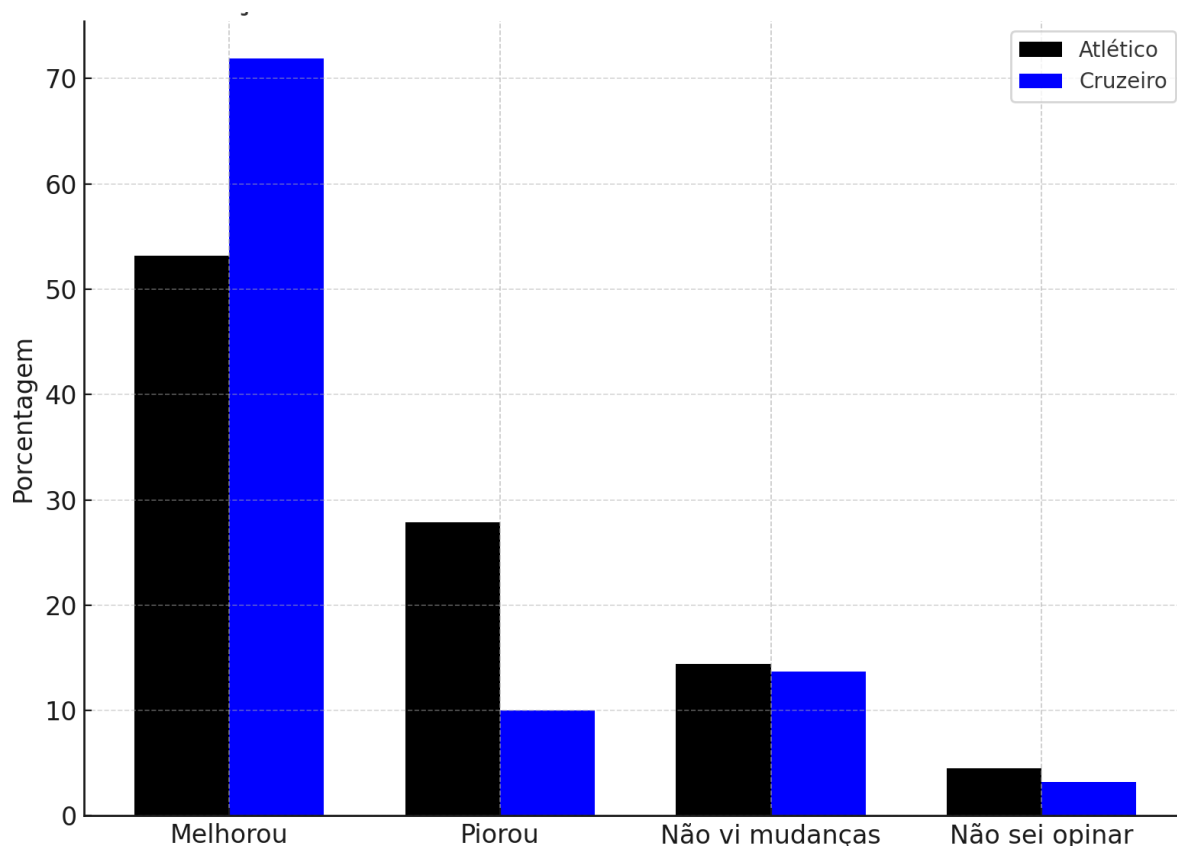
Fonte: Elaborado por autores

A acessibilidade no Mineirão pós-reforma foi bem avaliada pela maioria dos torcedores, conforme a Figura 15.

Para 71,9% dos cruzeirenses e 53,2% dos atleticanos houve melhora na acessibilidade. Apesar disso, chama atenção o fato de 27,9% dos torcedores do Atlético considerarem que a acessibilidade piorou, número bem superior aos 10,0% observados entre os cruzeirenses.

Os dados indicam que, embora a reforma tenha promovido melhorias significativas na acessibilidade do estádio, especialmente reconhecidas pela torcida cruzeirense, ainda há desafios perceptíveis, sobretudo na experiência relatada por parte dos atleticanos.

Figura 15 - Acessibilidade



Fonte: Elaborado por autores

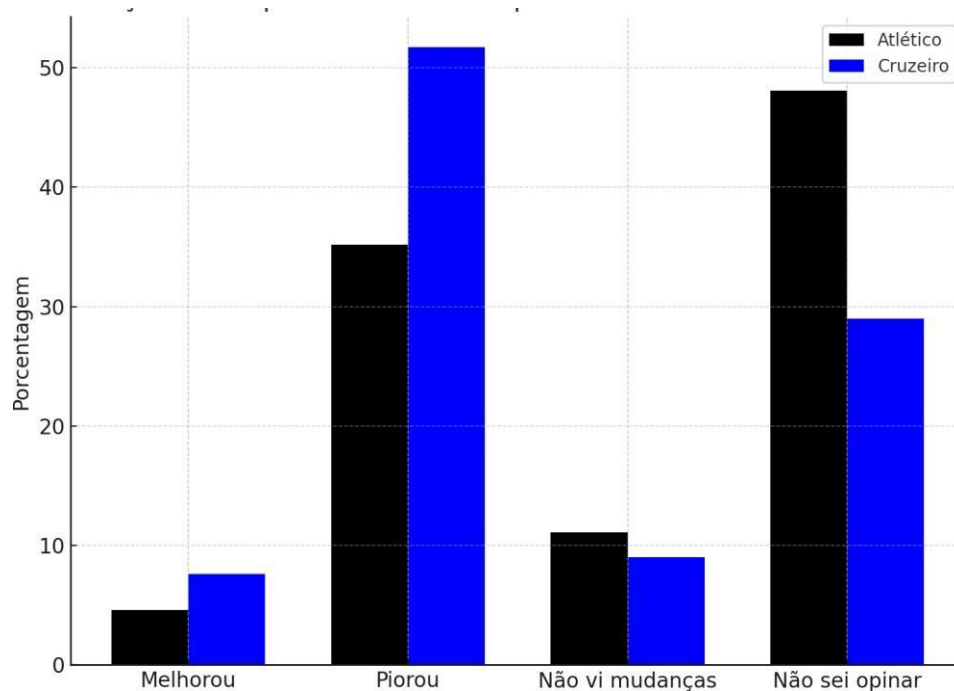
A opinião dos torcedores sobre o tropeiro vendido no Mineirão após a reforma é majoritariamente negativa, conforme Figura 16.

Entre os cruzeirenses, 51,7% acreditam que a qualidade piorou, enquanto entre os atleticanos esse número chega a 35,2%. As avaliações positivas são mínimas: apenas 7,6% dos torcedores do Cruzeiro e 4,6% dos do Atlético consideraram que houve melhora.

Já 11,1% dos atleticanos e 9,0% dos cruzeirenses não notaram mudanças significativas. Um dado que também se destaca é o alto índice de indecisão, especialmente entre os torcedores do Atlético, dos quais 48,1% disseram não saber opinar, frente a 29,0% dos cruzeirenses. Esse comportamento pode ser atribuído, em parte, àqueles que nunca consumiram (ou o fizeram poucas vezes) o tradicional tropeiro no estádio, seja por não frequentarem regularmente os jogos, seja por preferirem outras formas de alimentação no entorno do estádio. A ausência de experiência direta com o alimento compromete a capacidade avaliativa dos torcedores, o que explica o número elevado de respostas evasivas ou neutras.

Esses resultados indicam que, apesar da tradição e do vínculo cultural do tropeiro com o Mineirão, sua qualidade tem gerado insatisfação e dúvidas entre os frequentadores do estádio reformado.

Figura 16 - Tropeiro



Fonte: Elaborado por autores

A avaliação dos torcedores acerca dos alimentos e bebidas disponibilizados no Estádio Mineirão após a sua modernização apresenta-se de forma bastante heterogênea. Entre os torcedores do Cruzeiro, 22,3% indicaram melhora na qualidade ou variedade desses produtos, ao passo que 19,8% observaram piora. No caso dos torcedores do Atlético, tanto as avaliações positivas quanto as negativas foram equivalentes, atingindo 13,2% em cada caso. Observa-se, entretanto, que a maioria dos respondentes de ambos os clubes declarou não ter percebido mudanças significativas ou não soube opinar sobre o tema.

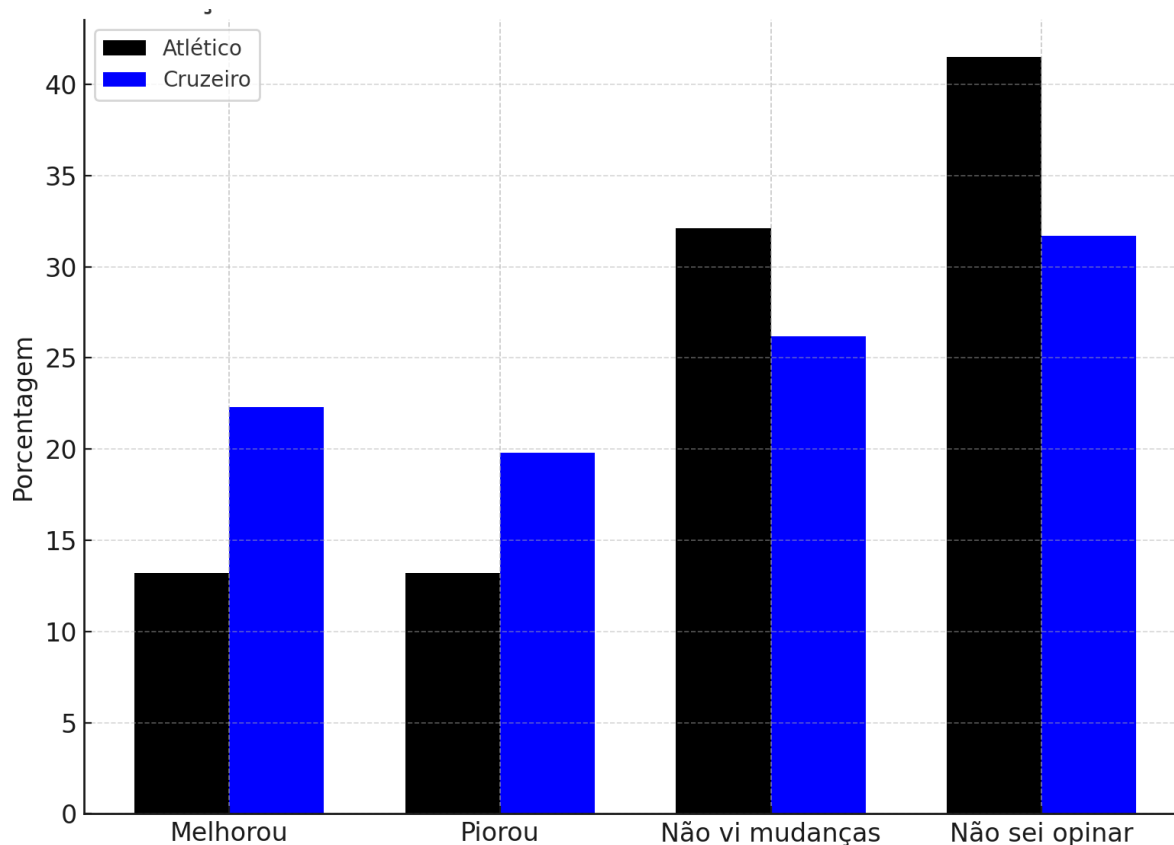
Esse cenário evidencia uma baixa percepção ou mesmo uma relativa indiferença quanto à alimentação disponibilizada no interior do estádio. Tal resultado pode ser compreendido à luz das transformações estruturais e simbólicas ocorridas com a reforma do Mineirão, que alteraram não apenas o espaço físico, mas também as práticas sociais e alimentares historicamente associadas ao evento esportivo. A substituição do modelo anterior de consumo, representado pela presença dos

barraqueiros no entorno do estádio, por um sistema mais padronizado e regulado, repercutiu negativamente sobre as formas tradicionais de sociabilidade torcedora, como demonstram os dados coletados.

De acordo com Pacheco et al. (2020), a retirada dos vendedores ambulantes do entorno do estádio foi percebida como uma medida desnecessária por 36,1% dos torcedores entrevistados, os quais associavam as barracas a um espaço de convivência, encontro e pertencimento coletivo. A transformação desse ambiente contribuiu para uma ruptura na experiência sensorial e afetiva associada à alimentação em dias de jogo, especialmente no que tange à variedade e ao simbolismo dos produtos comercializados.

Assim, a predominância de respostas indiferentes ou evasivas à questão da qualidade dos alimentos e bebidas no “Novo Mineirão” não deve ser interpretada unicamente como ausência de opinião, mas como um reflexo das mudanças na relação entre o torcedor e o espaço do estádio mudanças essas que implicaram uma reconfiguração da comensalidade, da sociabilidade e do próprio sentido de pertencimento dos frequentadores.

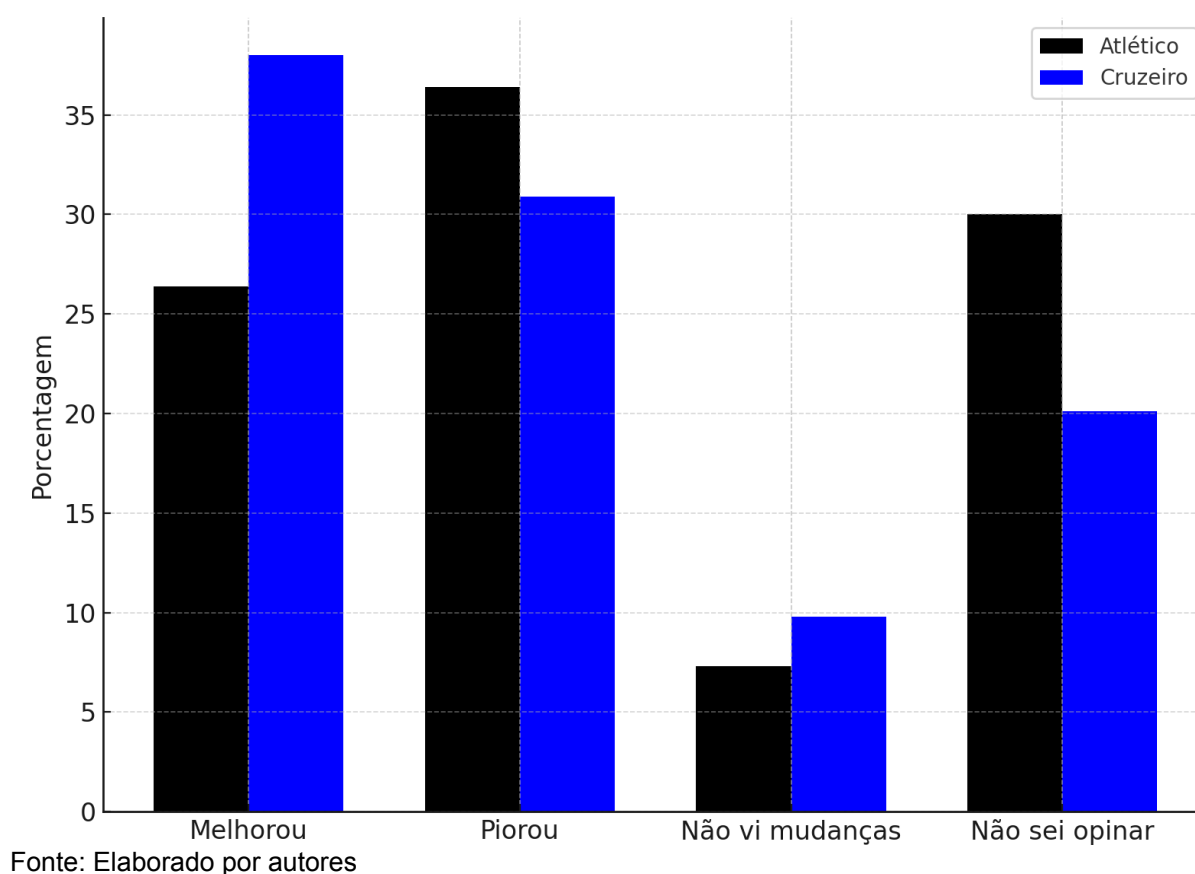
Figura 17 - Alimentos e bebidas



Fonte: Elaborado por autores

Observando-se nesse momento, a percepção dos torcedores em relação ao comércio interno do Mineirão após a reforma deparamos com um cenário bastante dividido. Entre os cruzeirenses, 38,0% consideram que houve melhora, enquanto entre os atleticanos esse número é 26,4%. Por outro lado, a insatisfação é expressiva: 36,4% dos torcedores do Atlético e 30,9% dos do Cruzeiro avaliam que o comércio dentro do estádio piorou. Uma parcela menor afirmou não ter percebido mudanças 7,3% dos atleticanos e 9,8% dos cruzeirenses. Já os que não souberam opinar representam 30,0% e 20,1%, respectivamente. Os dados revelam uma divisão clara de opiniões e indicam que, apesar de avanços percebidos por parte do público, o comércio interno ainda enfrenta críticas e não conseguiu atingir uma aprovação consolidada entre os frequentadores.

Figura 18 - Comércio interno



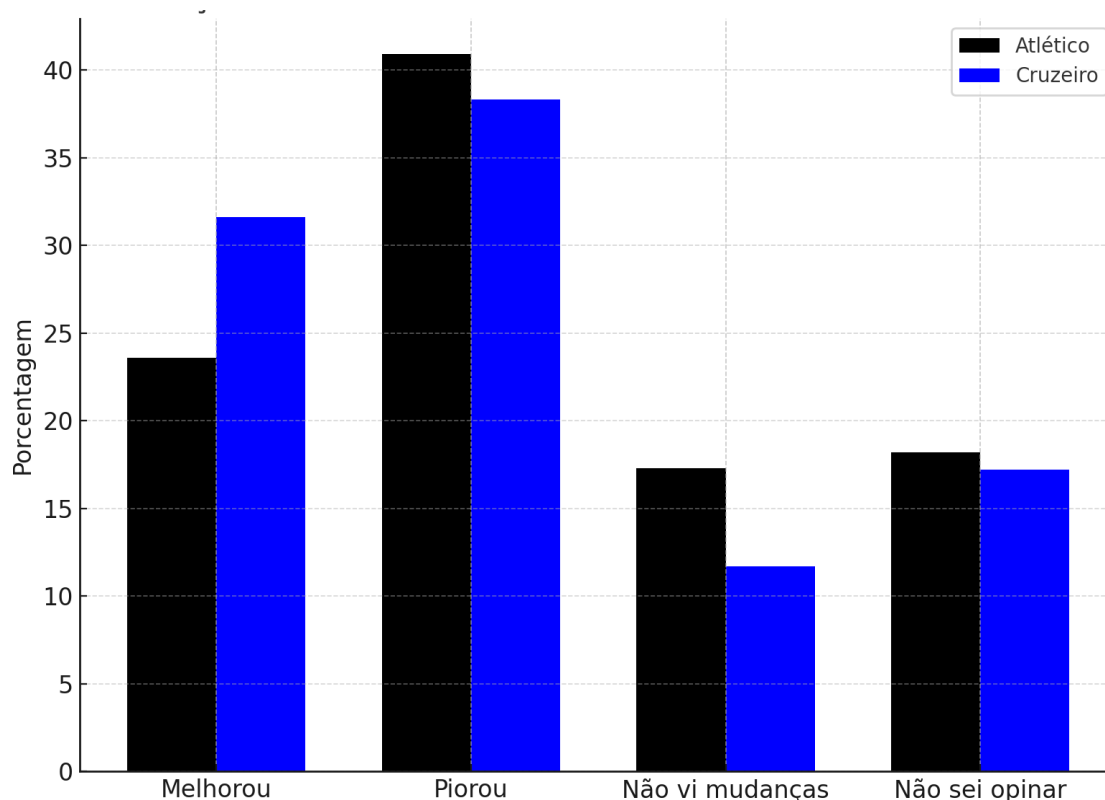
Já as opiniões sobre o comércio externo no entorno do Mineirão após a reforma são majoritariamente críticas, conforme a Figura 19.

A percepção de piora nas condições do comércio externo ao Mineirão é predominante entre os torcedores, atleticanos 40,9% e cruzeirenses 38,3%. Em contrapartida, uma outra parcela percebeu melhorias: 31,6% dos cruzeirenses e 23,6% dos atleticanos afirmaram que o comércio de rua se beneficiou da modernização.

Esses dados revelam um ponto de tensão importante no processo de reformulação do estádio: a relação entre o espaço modernizado e os usos populares tradicionais, em especial aqueles vinculados à economia informal e à cultura dos dias de jogo. Conforme destaca Campos (2016), antes da reforma, os barraqueiros exerciam um papel fundamental na configuração simbólica e prática do entorno do estádio, oferecendo alimentos típicos como o feijão tropeiro e sendo parte integrante do ritual de ir ao Mineirão. O encontro nas barracas era mais do que um ato de consumo, era um momento de sociabilidade, identidade e pertencimento.

Com a implementação de uma lógica empresarial e a adoção de normas mais restritivas de uso do espaço, muitas dessas práticas foram deslegitimadas ou deslocadas, restringindo o acesso de pequenos comerciantes e ambulantes à área do estádio. O discurso da modernização, ao priorizar contratos com grandes fornecedores e o controle sanitário e estético do ambiente, acabou marginalizando práticas culturais consolidadas, que davam ao Mineirão uma dimensão popular e coletiva. Assim, as percepções negativas registradas nas respostas dos torcedores refletem não apenas uma avaliação econômica, mas também um sentimento de perda simbólica de um espaço vivido e compartilhado. Como a própria autora afirma, "os torcedores resistem e reinventam essa prática, via churrasquinho organizado em pequenos grupos ao redor do estádio" (CAMPOS, 2016, p.8), o que evidencia a tentativa de reapropriação afetiva de um espaço que passou a ser regulado por outros interesses.

Figura 19 - Comércio externo



Fonte: Elaborado por autores

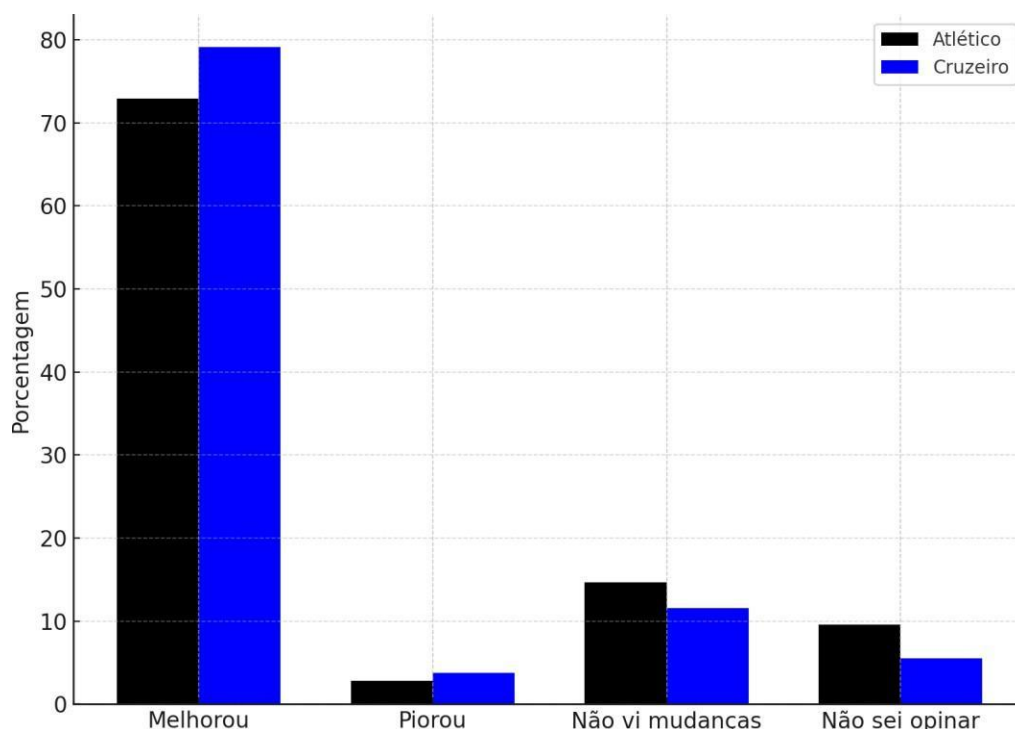
O quesito segurança é um dos aspectos mais bem avaliados pelas torcidas. A maioria dos cruzeirenses (79,1%) e dos atleticanos (72,9%) considera que houve melhora nesse quesito. As avaliações negativas são praticamente residuais: apenas 3,8% dos torcedores do Cruzeiro e 2,8% dos do Atlético acreditam que a segurança piorou.

Esses resultados evidenciam uma percepção positiva generalizada em relação à segurança no estádio, indicando que esse foi um dos aspectos mais eficazmente aprimorados com a modernização do Mineirão. A valorização da segurança, inclusive, é um dos elementos centrais da nova lógica de gestão do espaço, que passou a operar com base em modelos empresariais, alinhados às exigências de arenas internacionais.

De acordo com Campos (2016), após a reforma, a segurança no Complexo Mineirão passou a ser realizada de forma integrada entre agentes públicos, como a Polícia Militar de Minas Gerais, e agentes privados contratados pelo consórcio Minas Arena. Essa reconfiguração não apenas aumentou o efetivo de controle, mas também introduziu novos protocolos de vigilância, como monitoramento por câmeras, revista individual rigorosa e presença ostensiva de seguranças nas áreas internas e externas do estádio.

A ampliação das medidas de controle, aliada a uma estética de ordem e padronização, contribuiu para a construção de um ambiente percebido como mais seguro pelos frequentadores. No entanto, esse reforço da segurança também atuou como um dispositivo de regulação social, selecionando os usos possíveis do espaço e restringindo práticas populares historicamente presentes no entorno do estádio, como a atuação de barraqueiros e ambulantes. Assim, embora os dados indiquem uma melhoria objetiva na segurança, é importante considerar que esse ganho veio acompanhado da imposição de uma nova ordem, mais controlada, normatizada e menos permeável às expressões culturais tradicionais que compunham o cotidiano do Mineirão antes da reforma.

Figura 20 - Segurança



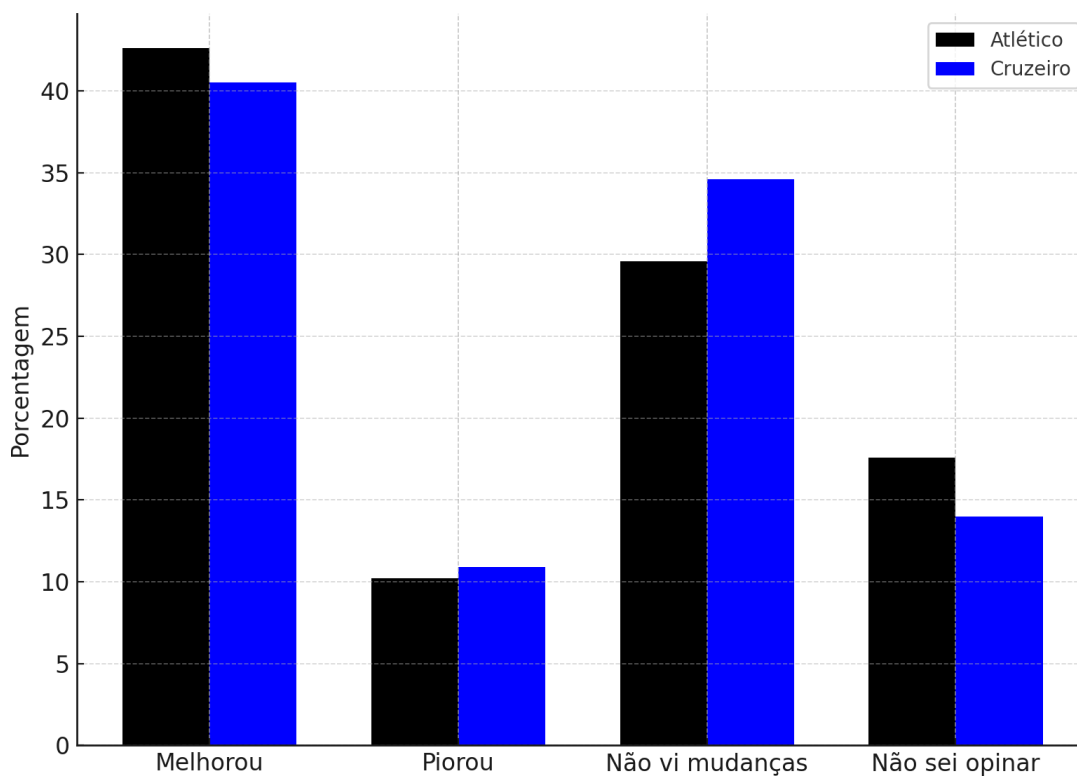
Fonte: Elaborado por autores

A atuação da Polícia Militar no Mineirão após a reforma recebeu avaliações majoritariamente positivas, conforme mostrado na Figura 21.

Entre os torcedores do Atlético, 42,6% consideraram que a atuação da PM melhorou, percentual próximo ao dos cruzeirenses, com 40,5%. Por outro lado, cerca de um décimo dos entrevistados avaliou negativamente esse aspecto (10,2% entre os atleticanos e 10,9% entre os cruzeirenses), pois disseram que a atuação piorou.

Esses dados indicam que, embora a percepção de melhora seja predominante, ainda há dúvidas e avaliações mistas quanto à presença e condução da segurança pública dentro e nos arredores do estádio.

Figura 21 - Atuação da polícia militar



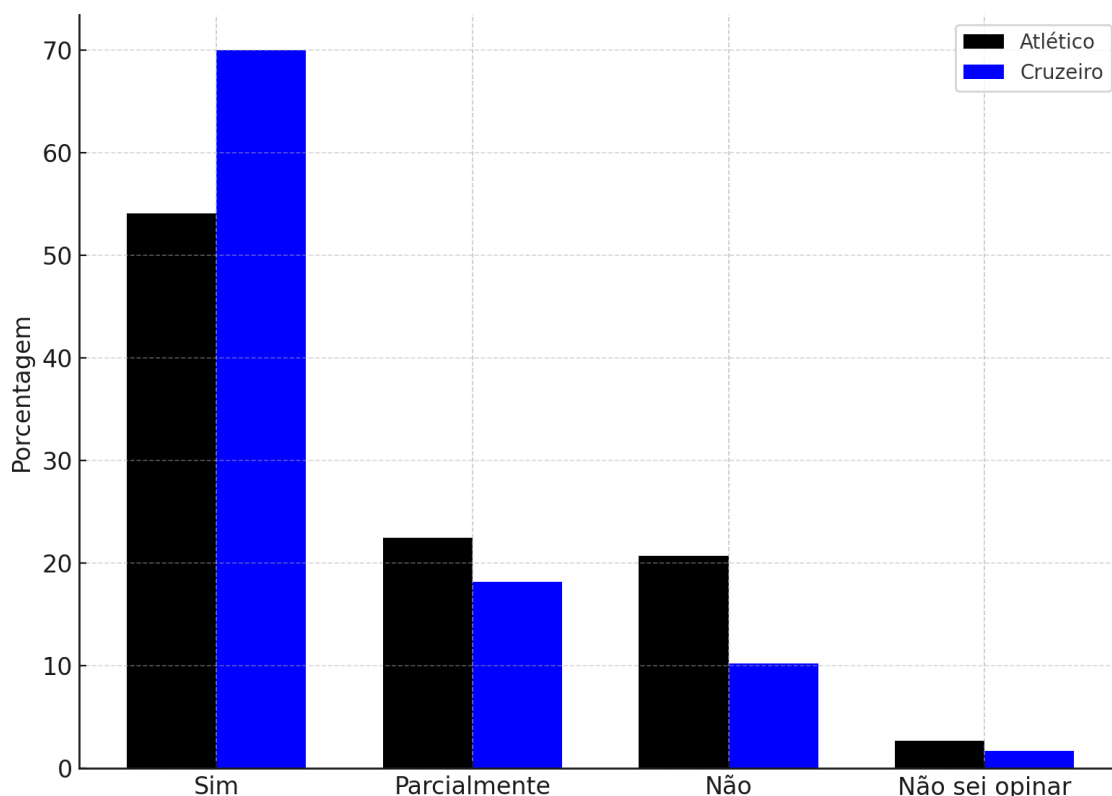
Fonte: Elaborado por autores

2.3 – O Mineirão e a mudança no torcer

Nesse tópico, traremos os dados relativos aos itens: aprovação da reforma, se os investimentos valeram a pena e as mudanças geradas no comportamento do torcedor.

Os dados revelam uma significativa aprovação da reforma do Mineirão por parte das torcidas de Atlético e Cruzeiro, Figura 22.

Figura 22 - Aprovação da reforma do estádio



Fonte: Elaborado pelos autores.

Os dados revelam que a reforma do estádio Mineirão foi majoritariamente compreendida como necessária. Entre os torcedores do Cruzeiro, 70% manifestaram concordância com as mudanças implementadas. Entre os torcedores do Atlético Mineiro, esse índice foi mais moderado, atingindo 54,1%, o que já aponta para uma percepção mais crítica ou cautelosa em relação ao processo. Notadamente, 22,5% dos atleticanos demonstraram concordância parcial, sinalizando ambivalência quanto aos efeitos e sentidos dessa reformulação. A resistência mais contundente apareceu entre os atleticanos, dos quais 20,7% se posicionaram contrariamente à reforma, enquanto entre os cruzeirenses esse valor foi de 10,2%.

Conforme aponta Campos (2016), a reforma não se limitou a um processo de requalificação estrutural, mas implicou uma reformulação mais profunda do espaço enquanto equipamento urbano de lazer. Nesse sentido, a polarização das opiniões reflete não apenas preferências estéticas ou funcionais, mas disputas simbólicas em

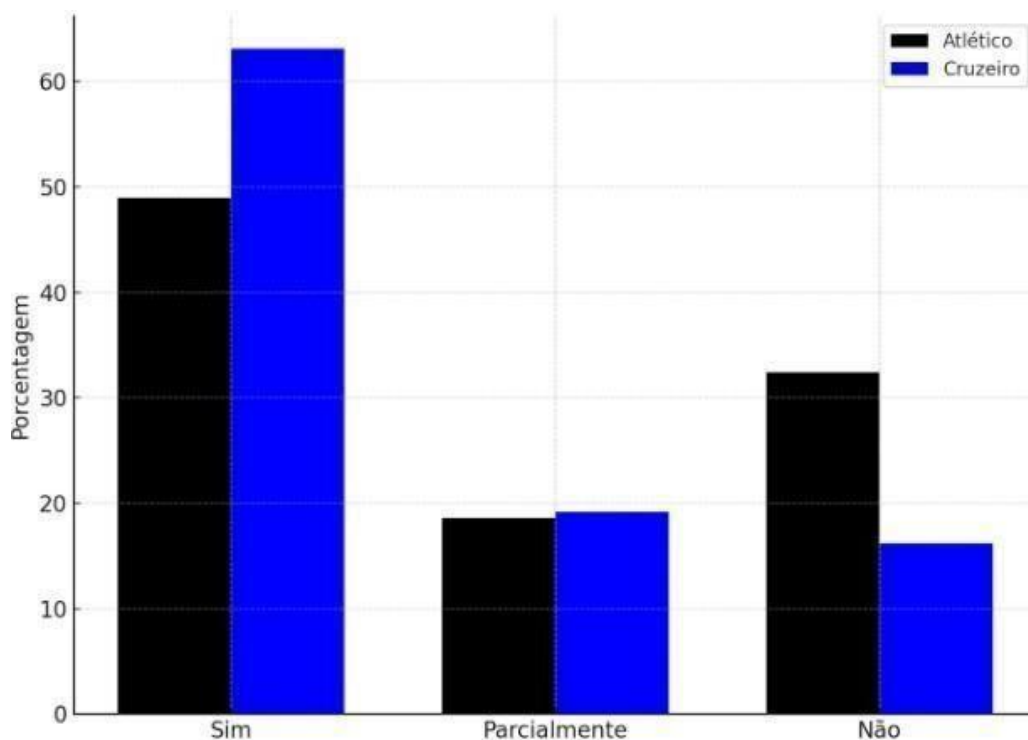
torno do pertencimento, da tradição e da ressignificação do estádio como lugar de sociabilidade.

A maior aceitação da reforma entre os cruzeirenses pode estar relacionada à presença mais constante do clube no estádio no período pós-reforma, o que contribui para a (re)naturalização do novo espaço e para uma apropriação mais contínua das suas novas formas. Em contrapartida, a resistência mais significativa entre os atleticanos pode indicar uma ruptura mais perceptível com as formas tradicionais de uso e vivência do estádio, já que o espaço passa a operar sob a lógica de um consumo normalizado e seletivo, que configura não apenas o ambiente físico, mas também a experiência subjetiva de ser torcedor.

A percepção sobre o retorno dos investimentos realizados na reforma do Mineirão apresenta uma divisão mais acentuada de opinião entre os torcedores. Para 63,1% dos cruzeirenses, os investimentos valeram a pena, ao passo que apenas 49% dos atleticanos compartilham da mesma opinião. A insatisfação entre a torcida do Atlético é notável, com 32,4% considerando que os recursos não foram bem aplicados, mais que o dobro do percentual de cruzeirenses insatisfeitos (16,2%). Ainda há uma parcela intermediária que avalia positivamente apenas em parte cerca de 18% em ambas as torcidas.

Esses números evidenciam que, apesar do reconhecimento majoritário dos benefícios da reforma, especialmente por parte dos cruzeirenses, ainda existe uma sensação significativa de que os investimentos poderiam ter sido mais eficientes, sobretudo entre os atleticanos.

Figura 23 - Os investimentos valeram a pena?



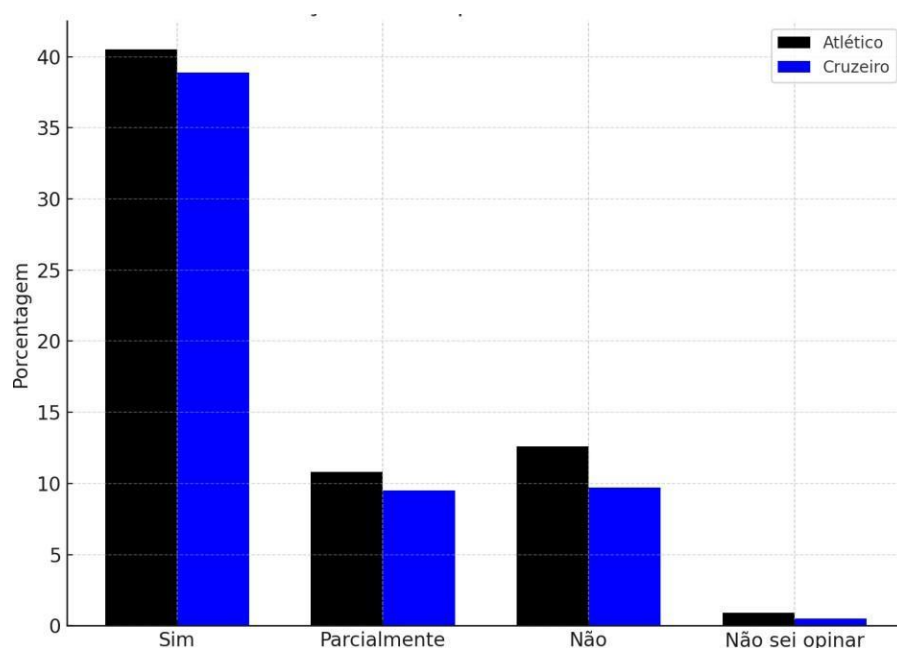
Fonte: elaborada pelos autores.

Os dados levantados apontam que entre os torcedores do Atlético Mineiro, 40,5% acreditam que a reforma do Mineirão provocará mudanças no comportamento dos torcedores. Essa percepção se aproxima à dos cruzeirenses, entre os quais 38,9% compartilham dessa expectativa. Cerca de 10% de ambos os grupos reconhecem apenas impactos parciais em suas práticas, e uma parcela menor defende a permanência do comportamento anterior, sendo 12,6% entre atleticanos e 9,7% entre cruzeirenses.

Tais dados revelam uma percepção compartilhada de que o estádio, enquanto espaço social e simbólico, passou por transformações que transcendem o plano físico-arquitetônico. Como destaca Campos (2016), a reforma do Mineirão não implicou apenas alterações estruturais, mas representou uma reformulação nos modos de uso, nos sujeitos esperados e nas práticas possíveis, criando tensões entre a tradição e as novas normas de uso impostas pela lógica empresarial e pelas exigências da FIFA.

Nesse contexto, a modernização do estádio reconfigura a vivência do futebol como lazer, afetando diretamente o sentido de pertencimento e a identidade dos torcedores com o espaço. Assim, a percepção de mudança registrada nas respostas dos torcedores expressa, simbolicamente, os embates entre a apropriação afetiva e as novas formas de normatização do espaço, como parte do processo mais amplo de produção e reprodução da cidade e de seus equipamentos urbanos.

Figura 24 - Mudanças no comportamento



Fonte: Elaborado pelos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar as percepções dos torcedores de Atlético e Cruzeiro diante das mudanças ocorridas no Estádio Mineirão após a reforma para a Copa do Mundo de 2014. A partir de dados coletados pelo Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), foi possível identificar aspectos centrais da relação entre o público e o novo modelo de estádio, considerando dimensões como infraestrutura, segurança, serviços, acessibilidade e hábitos de consumo.

Ao longo da pesquisa, observou-se que a modernização do Mineirão foi, em geral, bem recebida pelos torcedores nos quesitos estruturais. Elementos como conforto, acessibilidade, organização interna, banheiros e segurança foram frequentemente associados a melhorias. Esses resultados indicam que o novo estádio atendeu a uma série de requisitos técnicos, promovendo avanços significativos em relação à sua estrutura anterior. Vale ressaltar que cumpriu-se o discurso anunciado de conforto e segurança, reforçando a percepção de que as reformas não se limitaram ao aspecto estético, mas também contemplaram melhorias funcionais relevantes para a experiência do torcedor.

No entanto, os dados também apontaram divergências relevantes em determinados aspectos da experiência no estádio, especialmente no que se refere à alimentação e ao comércio. As avaliações sobre os alimentos e bebidas disponíveis no interior do estádio, incluindo o tradicional tropeiro, revelaram níveis expressivos de insatisfação. Críticas também foram direcionadas à organização do comércio interno e, com ainda mais intensidade, ao comércio externo, com muitos torcedores relatando percepções de piora nesse ambiente após a reforma.

Essas avaliações demonstram que, apesar das melhorias físicas e operacionais, persistem desafios ligados à oferta de serviços e à reorganização dos espaços de consumo. A gestão da arena, ao adotar novos modelos de operação, alterou práticas estabelecidas em torno do estádio, o que resultou em percepções menos favoráveis sobre aspectos que envolvem diretamente a experiência de frequentar o estádio. A exclusão de um comércio tradicional do entorno do estádio alterou as formas de consumo nos dias de jogos de futebol.

Dessa forma, conclui-se que a reforma do Mineirão atingiu de forma positiva diversas metas associadas à infraestrutura e ao padrão internacional exigido, mas ainda carece de ajustes em serviços específicos, principalmente na área de

alimentos e bebidas. A atenção a esses pontos pode contribuir para uma experiência mais completa e equilibrada, alinhando as exigências operacionais com as demandas práticas do público frequentador

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda, CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira, DANTAS, Marina de Mattos, ALMEIDA JÚNIOR, Plínio de, GOMES, Luiz Gustavo Braga, DA SILVA, Tiago Felipe. **PERCEPÇÕES E MANIFESTAÇÕES DO TORCEDOR MINEIRO SOBRE O “NOVO MINEIRÃO”**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, 2014.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. **AS FORMAS DE USO E APROPRIAÇÃO DO ESTÁDIO MINEIRÃO APÓS REFORMA**. Campinas, 2016.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira, BRUZZI, Rúbio Sabino, SILVA, Silvio Ricardo da. **ELITIZAÇÃO DO MINEIRÃO? Análise a partir da origem social dos torcedores**. Revista Brasileira de Estudos do Lazer, Belo Horizonte, 2016.

ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG, 2024.
<https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/o-futebol-na-rmbh-aspectos-histricos-e-sociais>

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 7, 20 ago. 1948

FOLHA DE SÃO PAULO ESPORTES. **Cruzeiro bate o Vila Nova e vence Mineiro**. São Paulo, 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk230613.htm>. Acesso em: 2 de julho. 2025.

GLOBO ESPORTE MG. Conheça a esplanada do Novo Mineirão. Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2282275>. Acesso em: 5 julho. 2025.

MELO, Marcos de Abreu. **O RIO QUE CORRE PELA ALDEIA: RELAÇÕES ESTABELECIDAS POR TORCEDORES COMUNS DE BELO HORIZONTE COM O TORCER, COM A VIOLÊNCIA E COM O NOVO ESTÁDIO INDEPENDÊNCIA**. Belo Horizonte, 2013.

PACHECO, Leonardo Turchi, DANTAS, Marina de Mattos, SOUZA, Adriano Lopes de, SILVA, Silvio Ricardo da. **COMIDA DE ESTÁDIO: REFLEXÕES SOBRE O “TROPEIRÃO” E A SOCIABILIDADE NO “NOVO MINEIRÃO”**. Movimento Rev. de Educação Física da UFRGS, Alfenas, 2020.

Portal Itambé, Blog Massa Cinzenta, Belo Horizonte, 2010.

<https://www.cimentoitambe.com.br/copa-2014-estadio-do-mineirao-inova-sem-perder-suas-caracteristicas-fundamentais/#:~:text=de%20resíduos%20sólido S.,Modernização%20do%20estádio,acesso%20pela%20Avenida%20Abrahão%20O Caram.>

QUEIROZ, Felipe Pereira de, SILVA, Silvio Ricardo da. **LAZER, ECONOMIA E FUTEBOL: AS MUDANÇAS NA PRECIFICAÇÃO DO INGRESSO NO ESTÁDIO MINEIRÃO ENTRE 1994-2018**. Rev. Bras. de Estudos do Lazer, Belo Horizonte, 2021.

SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira. **O Futebol na cidade de Belo Horizonte**. Tese de Doutorado. Belo Horizonte, 2017.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. **DO PRADO AO MINEIRÃO: a história dos estádios na capital inventada**. Belo Horizonte, 2017.

UOL COPA DO MUNDO. **Novo Mineirão muda antigos hábitos dos torcedores, que estranham algumas novidades**. São Paulo, 6 fev. 2013. Disponível em: <https://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/02/06/novo-mineirao-muda-antigos-habitos-dos-torcedores-que-estranham-algumas-novidades.htm>. Acesso em: 2 julho. 2025.

UOL ESPORTES. **No 4º tropeço seguido, Atlético-MG perde para o Ceará, que segue invicto**. São Paulo, 6 jun. 2010. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2010/06/06/no-4-tropeco-seguido-atletico-mg-perde-para-o-ceara-que-segue-invicto.jhtm>. Acesso em: 2 julho. 2025.